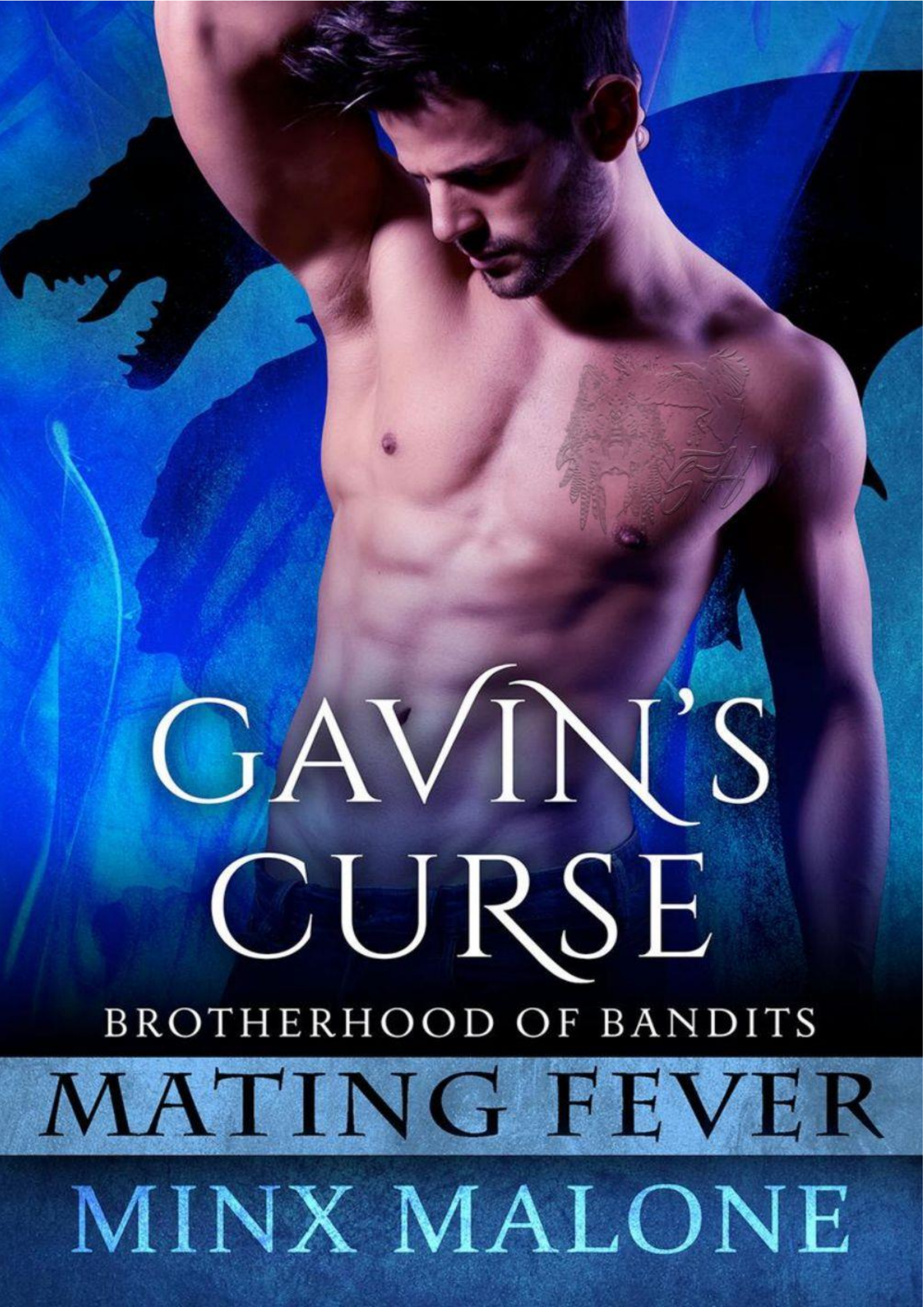




GAVIN'S CURSE

BROTHERHOOD OF BANDITS

MATING FEVER

MINX MALONE





Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



EQUIPE SHIFTER



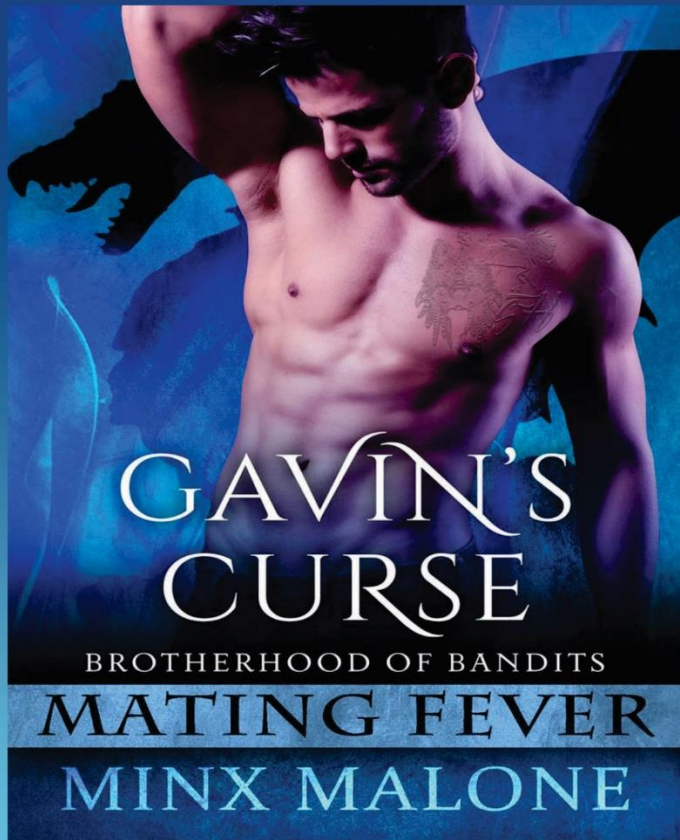
TRADUÇÃO INICIAL
VANUZA F.

TRADUÇÃO FINAL
DANIELLE S.

L.F. E FORMATAÇÃO
BEC DEVERAUX MONTEIRO

Shifters Apresenta

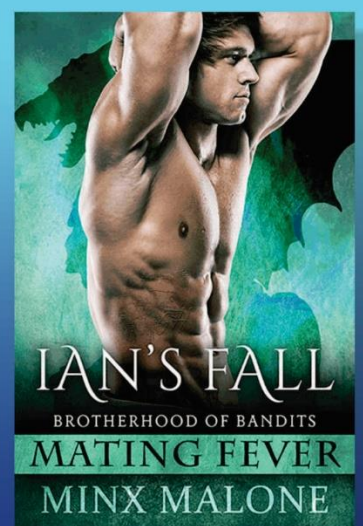
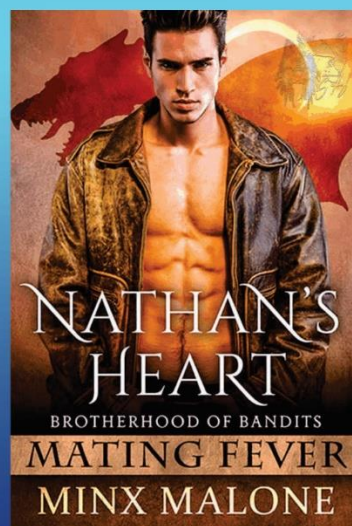
LANÇAMENTO



DISTRIBUÍDOS

Série

BROTHERHOOD OF BANDITS



SINOPSE

Gavin Drake passou anos de luto pela perda de sua companheira quando era muito jovem. Depois de toda uma vida de procura, finalmente descobriu como quebrar o vínculo entre companheiros. Apesar dos riscos, estava decidido testar em si mesmo, pensando que nada poderia ser pior que continuar vivendo sem a outra metade de sua alma. Até que toma o soro e descobre que há algo muito pior.

Descobrir que sua companheira está viva e optou por não estar com ele.

Kia Warren passou toda sua vida à mercê de seu louco pai, submetida aos seus experimentos e escondida do mundo. Seu único consolo foi o amante imaginário de seus sonhos, que ela está começando a suspeitar que é muito real.

CAPÍTULO UM

Gavin Drake manipulava cuidadosamente o frasco de sangue que tinha acabado de extrair de seu irmão, enquanto este rolou a manga da blusa para baixo. Seus olhos se crisparam ligeiramente, enquanto lutava contra a dor de cabeça que tinha crescido durante a última hora. Esfregou os olhos, com a esperança de que Ian não notasse.

— Está bem se já vou? Precisa de alguma outra coisa? — Perguntou Ian, com uma evidente impaciência em sua voz, que tinha estado tentando ocultar nos últimos dias.

Ian tinha chegado em casa três dias atrás com um inferno de disparo de dardo em seu sistema nervoso e uma profunda satisfação em sua alma, que somente provém de ter encontrado a sua companheira.

Gavin reprimiu uma pontada de inveja ante o óbvio entusiasmo de seu irmão. Ian estava inquieto por voltar para sua companheira. Não havia dito com essas palavras, mas não tinha sido necessário. Cada sorriso secreto, cada vez que olhava para o exterior, enquanto Gavin falava e inclusive a agitação que era tão pouco natural em seu estoico irmão, demonstrava. Estava tudo aí, no rosto de seu irmão, a necessidade até a medula de seus ossos, de vê-la, protegê-la, e sentir sua pele. Inclusive quando ele podia ver que Ian estava tentando conter-se, não falando tanto dela por consideração a Gavin, cada palavra era como uma facada em seu coração. Mas Gavin não podia culpa-lo por isso.

Apesar de tudo, ele já tinha sentido essa emoção uma vez.

— Sim, isso será tudo. O agente bloqueador utilizado em você, já terá completado seu ciclo e deverá estar fora de seu sistema depois até amanhã. Vou realizar alguns testes mais e ver o que posso averiguar.

Gavin ainda não podia acreditar que alguém em seu antigo território se atreveria a disparar em outro dragão a céu aberto. Sua mente estava desconcertada ante as infinitas possibilidades. Poderiam ter sido caçadores de dragões. Eram conhecidos por fazer movimentos imprudentes para ter em suas mãos a mínima quantidade de sangue de dragão. Seu sangue dava aos seres humanos muitos benefícios, tais como a velocidade, a força e embora não podia

curar a maioria das enfermidades, poderia proporcionar ao receptor o impulso imunológico necessário para viver muito mais tempo, que de outra maneira não poderiam ter, mas seu instinto lhe dizia que não tinham sido caçadores. Isto foi pessoal.

— Me deixe saber se precisar de algo mais. Obrigada pela conversa. — Ian lhe dirigiu uma saudação enquanto caminhava para a porta.

— Ao menos lembra de algo do que eu disse? — Seu irmão lhe tinha interrogado sobre tudo o que sabia a respeito das mulheres humanas, que não era muito, mas era muito mais do que Ian sabia. Todo o conhecimento de Gavin era de segunda mão, aprendidos a partir de sua extensa leitura, sobre tudo tinha encontrado que as mulheres humanas amavam o vinho e os doces. Também ao que parecia, gostavam das coisas brilhantes, o que era fácil de entender para um dragão. Embora não pareciam acumular da mesma maneira que os Drakaaren.

— Claro que me lembro. Vinhos e doces. Tenho isso.

Gavin riu quando a porta se fechou atrás de seu irmão. Só podia esperar que a mulher humana a quem Ian tinha reclamado fosse do tipo que perdoava. Ian não era exatamente um romântico.

Uma hora mais tarde, Gavin teve que admitir a derrota. Se tivesse acesso às bibliotecas reais no antigo território. Mas tinha perdido o acesso a todo esse conhecimento, assim como a sua extensa família, o dia em que seus pais tinham sido executados por traição e eles foram expulsos. Um dia ele era um príncipe dos Drakaaren e no outro era um marginalizado. Tinha tido família, um futuro brilhante com uma companheira a seu lado e no minuto seguinte, acabou tudo.

Tinha sido um dos afortunados. A maioria dos dragões tinham que procurar durante anos por sua companheira, e a sua tinha nascido em um clã vizinho. Imagens da Kitaana machucada e ensanguentada, seu pequeno corpo embalado nos braços de seu pai era tudo o que restava dela agora. Seu pai havia sido um humano, um brilhante biólogo que ajudou o clã a desenvolver vários medicamentos que trabalhavam com sua química única. O Dr. Warren era muito querido e respeitado, apesar de ser humano e sempre tinha tratado Gavin com amabilidade. Não esse dia.

Algumas vezes ele despertava no meio da noite, os gritos de seu pai seguiam ecoando em seus ouvidos. Enlouquecido pela dor, tinha gritado coisas

terríveis. Tinha culpado à família real, especialmente a Gavin, por não os proteger. Ele reviveu essas palavras por anos, dentro dele, as saboreando. Seu pai havia dito as mesmas coisas que Gavin sentia. Era sua responsabilidade proteger a sua companheira e apesar de que só tinha nove anos naquele momento, era muito mais forte que sua companheira metade humana.

Deveria ter protegido ela. Esse fracasso tinha definido cada momento posterior de sua vida.

Depois do caos, seu irmão mais velho, Nate, tinha conseguido mantê-los unidos e construíram um negócio recuperando joias perdidas e obras de arte para compradores de todo o mundo. Tinham uma boa vida. Mas nunca desfrutara de nada disso. Seu coração, sua alegria e sua capacidade de sentir tinham morrido naquele dia em meio à batalha. O que se dizia sobre o vínculo de companheiro ser permanente parecia ser certo. Mesmo quinze anos mais tarde, sentia o profundo vazio de sua alma, onde se supõe que deveria estar ela. Dessa maneira passava todo seu tempo livre investigando, aprendendo, experimentando e tentando encontrar uma maneira de pôr fim à agonia. As coisas não podiam continuar da maneira que estavam. Cada ano, todos os meses, todos os dias, estava sendo mais difícil. Ele tinha começado a temer por sua prudência.

Ele estreitou a cabeça entre as mãos e a apertou, aliviando a dor da tensão um pouco. As dores de cabeça tinham piorado este ano, algo que tinha estado tentando ignorar por muito tempo. Todos eles tinham ouvido as histórias de dragões de mais idade que se tornaram loucos depois de perder a sua companheira, impulsionados à violência e aos delírios ante a perspectiva de viver sem a metade de sua alma. Não importa o que suas investigações revelassem, não deixaria que isso ocorresse. Se tudo se reduzia a tomar a decisão entre existir como um louco, tornando-se um possível perigo para sua família, então ele decidiria ir embora deste mundo.

— Não prejudicaria nenhum deles. Não outra vez.

Kia Warren tinha recebido uma ampla formação na arte de aparentar ser humana. Não que alguma vez lhe tivesse servido de muita coisa.

Ela nunca deveria olhar às pessoas diretamente nos olhos, ao invés disso, deveria focar o espaço entre as sobrancelhas. Não era inteligente permitir que

alguém pudesse examinar a forma estranha de suas pupilas. Sorrir, mas não muito. Não iria querer que ninguém visse suas presas que nenhuma quantidade de experimentos realizados por seu pai tinha sido capaz de esconder. Durante anos, seu cabelo loiro cinza foi tingido cada mês para tirar qualquer rastro de cores sobrenaturais que enroscavam os fios de forma natural. E por cima de tudo, ela não devia se irritar nunca.

— Senhorita Warren, vamos fazer todo o possível para assegurar que seu pai receba o mais alto nível de cuidados. Aqui no Oaks Pine consideramos os nossos pacientes como se fossem da família.

Kia sorriu ligeiramente e estreitou a mão de Lori King, a jovem diretora da prestigiosa clínica para idosos na Virginia do Norte. Tinham estado em estreito contato durante os últimos seis meses durante os quais Kia tinha posto seus planos em ação, enquanto tinha passado pela desagradável legalidade de ter que declarar seu pai senil para que ela pudesse assumir seus assuntos financeiros. Agora que tinha o controle da herança familiar que sua mãe lhe deixou e das contas de seu pai também, ela nunca voltaria a ser forçada a estar em contato com o homem que de forma sistemática a tinha torturado durante as últimas duas décadas.

Sim, Lori tinha salvado sua vida, embora ela não soubesse. Só por isso, Kia sempre a consideraria uma amiga.

— Sei que o fará. Obrigado de novo por sua ajuda o ano passado. Foi...
— Sua voz se quebrou um pouco.

— Estivemos encantados em te ajudar. Eu sei que é difícil. — Lori apertou seu braço, interpretando a emoção como tristeza por deixar seu pai para trás.

Kia limpou a garganta.

— É difícil, mas isto é o melhor para ele. O melhor para todo mundo.

— Deixarei você para se despedir dele então. — Lori sorriu brandamente e saiu do quarto.

Kia se voltou lentamente, observando o homem grande tombado na cadeira de rodas que ele odiava.

— Vou agora, papai. Virei em pouco... — Deteve-se, sem querer fazer nenhuma promessa que sabia que não cumpriria.

— Virei vê-lo. — Ele levantou a cabeça e a olhou, seus olhos escuros brilhando com malícia.

Ela recordou uma época em que tinha pensado que ele era seu protetor. Quando seus olhos castanhos tinham representado segurança e comodidade. Então tudo mudou. Ele deixou de ser sua comodidade para ser sua tortura.

— Por que faz isto? Toda minha vida, não tenho feito nada mais que te proteger —, murmurou.

Kia suspirou. Essa era uma discussão familiar. Até mesmo enquanto a mantinha presa, injetando-a com sabe Deus o que, ele sempre tinha acreditado que estava ajudando-a. Todos os experimentos e o isolamento, foi feito para o seu próprio bem. Havia lhe custado anos de seu controle e deu-se conta de que a forma em que tinha sido educada não era normal. Que ela era algo mais que um coelhinho das índias para um cientista louco realizar experimentos continuamente. Que merecia uma vida própria. Completamente isolada, seu pai tinha permitido nada mais que livros.

Por ser um homem escondido, surpreendeu-se que ele cometesse um engano semelhante. Os livros eram uma janela a novas experiências. Ele tinha isolado seu corpo, mas através da leitura, sua mente tinha estado exposta ao mundo exterior. Através dos livros tinha vivido uma existência diferente em sua mente, uma livre de dor. Uma vida cheia de amigos e diversão. No momento em que seu pai se deu conta de onde provinham suas perigosas ideias sobre a independência, já era muito tarde. Sua mente tinha estado livre e não havia maneira de reverter o dano.

Ela parou enfim de acreditar em mentiras.

— Vou deixar de tomar o medicamento de supressão, papai. Acontecerá algo ruim quando o fizer? — Suas mãos se sacudiram violentamente e Kia saltou para trás, surpreendida pelo repentino movimento.

— É obvio que algo vai acontecer! Vai ter asas e uma cauda. Será um deles. Ele se agarrou a borda da cadeira de rodas com tanta força que seus nódulos se esticaram contra a pele pálida.

— Eu já sou. Não vou mais negá-lo. — Olhou para a porta aberta. Uma enfermeira passou no corredor, o barulho de seus sapatos contra o solo cada vez mais fraco à medida que ela se afastava.

Quando deu a volta, seu pai a olhava com olhos ardilosos. Era notável para Kia como podia parecer como um louco delirante em um momento e então completamente coerente no minuto seguinte.

— Encontrarão você. E sabe o que farão contigo? Eles lhe levarão igual quando levaram sua mãe. — Kia tragou e desviou o olhar. Os pensamentos do que fizeram com sua mãe lhe fazia duvidar de sua decisão. Como podia voltar a entrar no território dos dragões sabendo que tinham matado sua mãe? Por que não podia deixar para lá? Agora que seu pai não poderia machuca-la mais, ela poderia fazer o que quisesse. Inclusive depois de que deixou de tomar os remédios de supressão que ele tinha forçado nela durante anos, não queria dizer que deveria reintegrar-se na sociedade dragão. Podia mudar para o campo em alguma parte e simplesmente viver.

Se ela se mantivesse afastada e se transformasse em um dragão de vez em quando, haveria pouca gente ao redor para ver. Era perfeito. Era provavelmente o que teria feito se ele não o tivesse mencionado em uma noite de bebedeira.

Gavin.

Nem sequer podia pensar no nome sem um estremecimento de desejo correr por suas veias.

Desde que era uma menina, tinha tido um sonho recorrente de correr através dos campos abertos, brincando com um menino formoso de cabelo escuro chamado Gavin. Era mais velho do que ela, mas nunca tirava sarro ou a tratava como um incômodo. No sonho, eram os melhores amigos e sabia que sempre estaria ali para ela. Também era um dragão. Ele se transformaria e permitiria que ela tocasse suas asas e suas escamas de ouro frias, sob seus dedos.

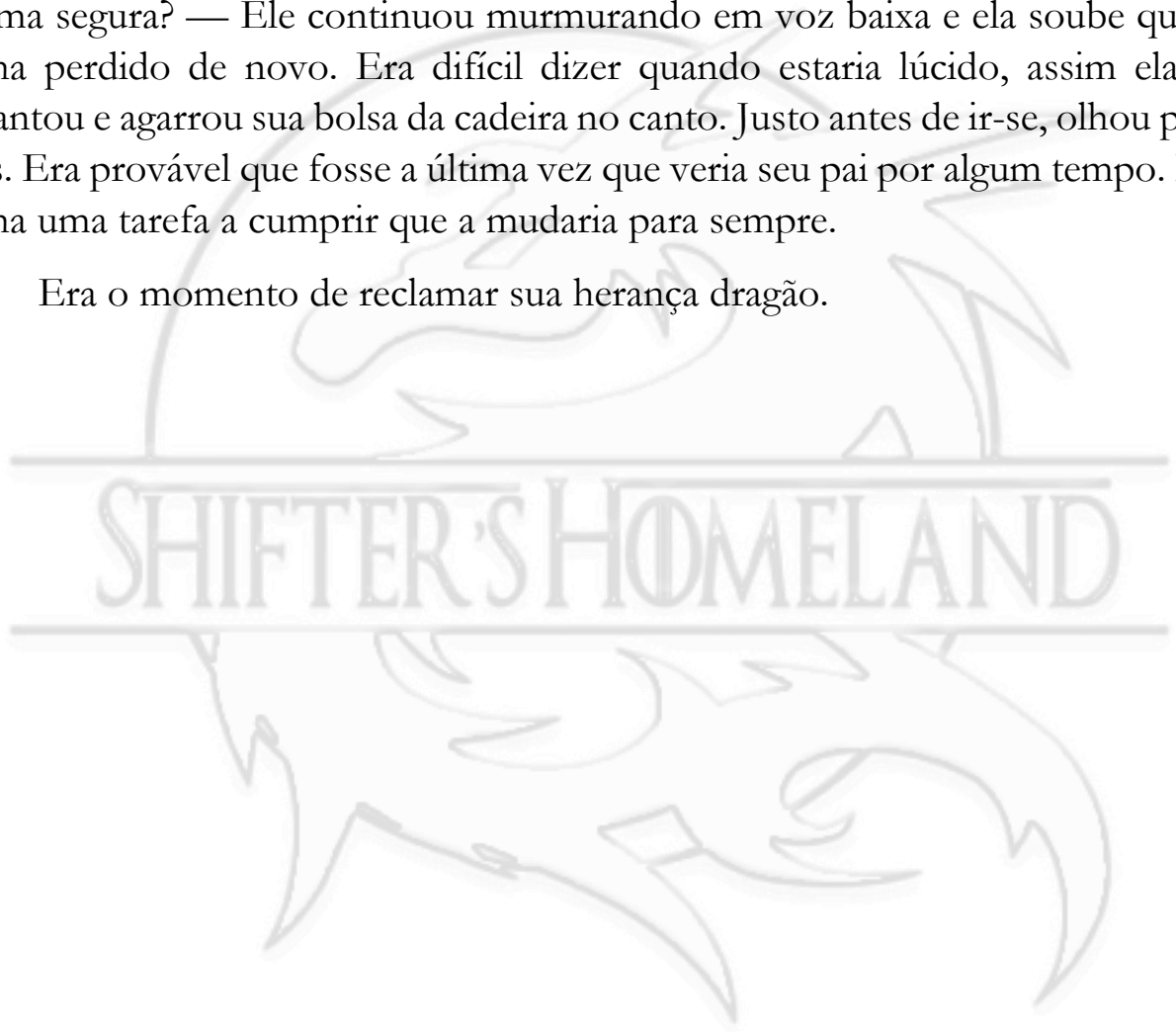
Amava-a e ela o queria também. Foi a emoção mais pura, uma que ela tinha experimentado na vida real, e pela qual tinha chorado todos os dias. Mas seu pai o tinha descartado, convencendo-a de que ela nunca teve contato com os dragões. Tinha afirmado que ela estava imaginando coisas. Mas então havia dito o nome.

Lançamento Especial
3 anos de Shifter's Homeland

Nunca havia lhe dito o nome do menino pequeno em seus sonhos, ela estava segura disso. Era algo que ela tinha mantido só para ela, uma coisa que seu pai não poderia lhe tirar. Mas o ouvindo mencionar esse nome lhe fez questionar tudo o que sempre havia sido lhe dito. Eram seus sonhos realmente lembranças? Alguma vez tinha tido uma vida diferente, que sua mente estava bloqueando de sua memória consciente por alguma razão?

— Me diga papai. Farei de todos os modos. Não quer que o faça de forma segura? — Ele continuou murmurando em voz baixa e ela soube que o tinha perdido de novo. Era difícil dizer quando estaria lúcido, assim ela se levantou e agarrou sua bolsa da cadeira no canto. Justo antes de ir-se, olhou para trás. Era provável que fosse a última vez que veria seu pai por algum tempo. Ela tinha uma tarefa a cumprir que a mudaria para sempre.

Era o momento de reclamar sua herança dragão.



CAPÍTULO DOIS

Três meses depois...

Kia deixou as bolsas no chão do quarto de hotel e quase se desmaiou na cama. A colcha era áspera sob sua bochecha e ela não queria nem pensar nas coisas repugnantes que atualmente estavam sendo transferidas para a sua pele, mas nada disso importava. Hoje não. Nada poderia tirar a satisfação pessoal que sentia nesse momento.

Ela finalmente tinha feito. Mesmo sem a ajuda de seu pai, se livrou com êxito dos medicamentos de supressão. Nos últimos meses, resistiu aos efeitos secundários físicos da abstinência, mas sempre se perguntava se valeria a pena. Embora havia se enrolado em sua cama, coberta de suor, as recém descobertas escamas depois de um mês, o único que havia lhe trazido consolo era o pensamento dele.

Gavin.

O amigo imaginário de sua infância e o espectro constante atrás dela. Por toda parte onde tinha ido e cada coisa que tinha feito, ele tinha estado ali flutuando justo a bordo da consciência, lhe recordando a vida que não se lembrava. Isto seria suficiente para enlouquecer a qualquer um. Era real? Tinha sido um produto da imaginação de uma menina triste, solitária? Ela tinha destruído o escritório de seu pai em pedaços, procurando algo que pudesse indicar que uma vez tinha levado uma vida muito diferente, mas não tinha encontrado nada. Se ela não tivesse escutado várias conversas confidenciais através dos anos, ela pensaria que não era mais que um investigador humano.

Os defeitos físicos em sua adolescência poderiam ter se explicado de muitas maneiras. Sempre tinha sido um pouco mais forte que os outros meninos e nem uma vez tinha estado doente. Não foi até que seu cabelo começou a crescer com uma mecha azul, que tinha começado a suspeitar que seu pai a mantinha confinada em casa por razões sinistras. Ele sempre havia dito que não

queria expor ela aos germes dos outros meninos, mas seu rosto quando viu seu cabelo tinha mostrado a verdade.

Tinha medo dela. Pelo que poderia chegar a ser.

Quando suas presas cresceram, manteve em segredo durante quase seis meses. Mas quando as viu, foi um alvoroço. Ela era um deles e ele não podia ter isso. Nesse momento, Kia nem sequer entendia o quem eram. Mas as palavras de seu pai e seus estranhos sonhos tinham introduzido uma ideia proibida. Será que as coisas que sonhava eram reais? E se a razão pela que seu pai lhe injetava e a medicação não era para salvá-la, mas para mantê-la sob seu controle?

Uma rajada de dor atravessou suas têmporas de novo e ela se encolheu em uma bola. Desde que ela tinha deixado de tomar as drogas de supressão, seus nervos vinham sendo bombardeados com mais do que podia aguentar. Sua pele e sua audição eram muito sensíveis e podia ver detalhe nas aves que voavam no céu. Logo a seguir estava o desejo emocional que sentia. Como se faltasse alguém. Pior ainda, estava quase segura de que sabia quem era. Gavin.

Se havia alguma possibilidade de que ele fosse real, tinha que averiguar.

Frustrada, levantou e procurou o último correio eletrônico que tinha recebido de seu contato. Aprender a navegar pela internet tinha sido uma provação, mas sempre tinha sido rápida em aprender. Foi entristecedor, mas também fascinante descobrir quanta informação estava aí fora. Depois de registrar-se em uma conta no Facebook tinha descoberto grupos dedicados a shifter dragão.

Dados que os dragões tinham feito pública sua existência, havia mais gente disposta a falar abertamente sobre eles. Tinha encontrado a uma mulher que mencionou que sua melhor amiga tinha recém se acasalado com um dragão. Tinha sido difícil conseguir qualquer informação dela no começo, mas uma vez que lhe contou que ela poderia ter alguma herança dragão, Hailey tinha sido repentinamente mais amigável.

Ela tinha compartilhado suas fotos com alguns de seus novos amigos dragões e um dos homens da imagem era muito familiar. Essa era a principal razão do por que tinha pedido para conhece-la. Kia não tinha muita experiência em julgar a sinceridade de outra pessoa, mas a garota parecia bastante inofensiva. Kia só podia torcer para que ela não fosse um beco sem saída.

Ela ofereceu para se encontrar com Kia na nova casa de sua melhor amiga e apresentá-los. Não era aconselhável encontrar uma estranha em um lugar desconhecido, mas Kia não tinha muitas opções. Esta era a oportunidade de conhecer os dragões reais que poderiam ser capazes de ajudá-la a reconstruir seu passado. Para estar segura, ela tinha que permanecer fora da vista de todos, mas com sorte, se fossem criminosos não tentariam nada em plena luz do dia.

Kia trancou a porta do quarto de hotel e subiu ao volante do carro que ainda não estava acostumada a dirigir. O endereço que Hailey tinha enviado para ela era bastante simples, e a conduziu a um estacionamento perto de um enorme campo aberto. Tinha mencionado que devia caminhar um pouco, mas Kia não esperava muito do passeio. Ela começou a caminhar e logo o campo se reduziu ligeiramente. Sua boca se abriu. Uma fileira de casas, alinhadas em um meio círculo aberto foram construídas diretamente na terra, mas não foi isso o que chamou sua atenção.

Um dragão dourado voou por cima de sua cabeça, suas grandes asas bloquearam momentaneamente a luz do sol. A alegria se alastrou pelo seu sistema até que Kia sentia como se seu próprio coração tomava voo também. Ela conteve as lágrimas enquanto observava o dragão circulando cada vez mais baixo até que, em um brilho de movimento, trocou para a forma de um homem que caiu de pé na frente dela. Um homem muito bonito e muito nu.

— OH, Meu Deus. — Tomou um momento antes que suas maneiras se fizessem presente e deu a volta para lhe dar privacidade.

— Está tudo bem, já pode olhar. — Quando Kia se voltou viu que tinha posto uma calça jeans, mas continuava sem camisa. O calor aqueceu suas bochechas e ela desviou o olhar de novo por cima de seus ombros. Os poucos homens que tinha tido contato, eram da idade de seu pai. E os homens que tinha conhecido depois, certamente, não eram parecidos com esse.

— Olá, estou procurando Hailey. Ela está aqui? — Fez um gesto com a cabeça para uma das portas construídas no chão. — Ela está no interior com minha companheira. Sou Ian. Você deve ser Kia?

— Sim, sou eu. Sou Kia. E é... Balançou-se quando um raio de dor a golpeou. Ian pôs uma mão em seu braço para sustenta-la.

— Está bem? — Kia enroscou sobre si mesma, tentando preparar-se contra as ondas de dor estrelando-se através dela. Era como ser atingida por um raio repetidamente. Sua cabeça girou para a esquerda. Tão louco como era, ela sentiu que a dor estava emanando de uma das portas ocultas na colina. Ela começou a caminhar, consciente de Ian indo detrás dela. Gritou-lhe, mas ela correu mais rápido. Algo, alguém estava atrás dessa porta e precisava dela.

A porta não estava destrancada e se atirou contra ela sem poder fazer nada. Uma parte dela sabia que estava atuando como uma louca, mas sua mente estava funcionando com um instinto primário que não estava diretamente sob seu controle. De repente a porta se abriu e caiu através dela, seguindo o fio invisível de dor que só ela podia ver. Foi então que o viu.

Ele estava no chão, rodeado de vidros quebrados. Ele estava maior, mais alto e com ombros largos, mas seu coração o reconheceu imediatamente.

O menino imaginário que tinha amado era muito real.

Gavin agarrou o tubo de ensaio em seus dedos com força e respirou fundo. O líquido no interior borbulhava e se revolveu e sabia que só tinha uns poucos minutos para decidir. A poção tinha que ser ingerida em exatamente trinta e sete graus centígrados para ser eficaz.

Voltou a pensar em todos os anos que passou sozinho, suspirando pelo amor da única mulher que nunca poderia ter. Suas últimas lembranças de Kitaana eram brutais, imagens com as quais ninguém deveria ter que viver. Sua companheira tinha sido abatida no caos da batalha, quando ele era muito jovem para protegê-la. A vida para ele era um constante estado de agonia. Não só, foi obrigado a existir sem ela, mas ele não tinha nem sequer o consolo de saber que tinha morrido em paz.

Agora estava finalmente na posição de ser capaz de pôr fim à agonia.

Levantou o tubo de ensaio. Se isto desse errado, poderia machucar seus irmãos. Era o único pensamento que o fazia hesitar.

Depois de entrar em acordo de paz com o Rei, tinha sido concedido o acesso aos arquivos reais. As investigações do Dr. Warren tinham sido de grande valor e o levou a vários avanços. Ele tinha deixado extensas notas

escritas e Gavin tinha utilizado toda as informações para lhe ajudar a entender como funcionava a união dos dragões e o apego que sentiam.

Com a ajuda de seu aprendiz, Jonas, tinha desenvolvido um soro que deveria romper a união entre companheiros. Se não funcionava, o menino poderia continuar a investigação e um dia encontrar um alguém, mas nunca ia encontrar se ele não testasse a poção. E, honestamente, estava preparado para isso, independentemente de qual fosse o resultado. Porque morrer soava melhor do que viver outro dia sem sua companheira.

Antes que pudesse mudar de ideia, levou o tubo aos lábios e bebeu o conteúdo de um só gole. O calor se estendeu por sua garganta e através de seu torso. O tubo em sua mão caiu no chão e se desfez em pedacinhos e todo seu corpo se contraiu em um espasmo. A dor sacudiu seu corpo e as lágrimas escorreram de seus olhos enquanto curvava sobre si mesmo. Tombou para frente em cima da mesa e logo caiu ao chão.

Gavin não tinha certeza de quanto tempo passou até que o segurassem em um abraço quente. Ao abrir os olhos, um par de olhos cinza familiares estavam olhando para ele.

Isso é tudo então, pensou. Passei para o outro lado. Estou com minha companheira de novo. Meu Tesarik.

Mas sua companheira não estava feliz, que era a forma em que sempre a imaginou no céu. Em todo caso, parecia triste. No entanto, seu toque era suave enquanto acariciava seu cabelo para trás.

— O que estava acontecendo, Gavin? — Gavin fechou os olhos, nunca imaginou que fosse possível sentir uma dor maior, mas ele tinha se enganado. Durante todo este tempo, parecia que sua companheira não tinha estado no céu.

Estava viva, mas simplesmente não tinha querido estar com ele.

Outro raio de dor o golpeou e logo estava flutuando. Quando despertou de novo, ele estava em sua própria cama. Sozinho. Alarmado, Gavin tentou levantar-se, mas estava muito fraco. Logo ouviu vozes.

— Mantenha-se afastada de meu irmão.

— Preciso vê-lo. Preciso saber que é real.

— Onde esteve todo este tempo?

— Não, deixe-me ir!

A força saiu de algum lugar oculto e Gavin se levantou da cama. Tudo lhe doía, mas ele empurrou através da dor. Sua companheira estava aqui. Estava viva. Precisava dele.

Cambaleou na direção da porta, agarrando o beiral para manter-se de pé. O mundo rodava e ele sacudiu a cabeça, tentando dissipar a névoa de sua mente. O som do choro feminino lhe deu outra rajada de energia e determinação. Usou a parede para sustentar-se e dirigiu-se à sala de estar. Ian tinha seus braços ao redor de uma loira com olhos da cor de um dia nublado. Suas escamas saíram.

— Solte minha companheira. — O profundo grunhido ecoou através do quarto e ambos o olharam com surpresa. Ian a soltou levantando os braços. Kitaana correu através do quarto e se jogou em seus braços. A força do abraço os derrubou para trás.

— Sinto muito! — Ela embalou seu rosto brandamente entre suas mãos.

Agarrou-a pelas mãos e nesse momento, sentiu de novo a corrente de energia que os conectava. Era tão forte que se perguntou se outros poderiam vê-lo. De repente, nada mais importava, nem onde tinha estado ou por que não tinha vindo para ele antes. A única coisa importante agora era a segurança e a felicidade de sua mulher. Ele ainda estava fraco pelo soro que tinha ingerido, mas a visão de seu irmão com suas mãos nela tinha causado uma onda de raiva.

Gavin ficou de pé, mantendo Kitaana atrás dele. Ian o observou com receio.

— Não sabemos o por que está aqui. — Começou. Ao baixo grunhido de Gavin, Ian retrocedeu ligeiramente.

— Gavin, não está pensando com clareza. Só estou tentando te proteger aqui. Encontramos você desacordado no chão e eu não ia deixa-la sozinha com você quando não pode se defender.

— Eu nunca faria mal a ele! — Kitaana falou atrás dele e só o som de sua voz era ao mesmo tempo, agonia e êxtase. A agonia, depois de tanto tempo e o êxtase porque estava convicto de que nunca mais a ouviria de novo.

Ian a olhou brevemente.

— Levando em conta o fato de que pensamos que estava morta todos esses anos, tem que entender se sou um pouco cético. Tenho que proteger meu irmão. Até que eu saiba exatamente o que está acontecendo aqui, não posso confiar em tudo o que diga.

Apesar do fato de que seu lado racional sabia que o que Ian estava dizendo tinha sentido, seu dragão só escutava a ameaça a sua companheira.

Ele quer fazer mal a nossa companheira. Não podemos confiar nele!

Gavin se esforçava para conseguir controlar seus instintos dominantes. Mas após tantos anos sem que eles fossem provocados estava fraco para controlá-los. Quando Ian deu um passo na direção deles, as escamas do Gavin apareceram novamente.

— Precisa sair. Agora.

Ian parecia estar lutando para decidir o que fazer. Finalmente olhou para Kitaana.

— Vou deixar os dois a sós, mas estarei aqui fora.

— Vá! Não estou seguro de que posso contê-lo. — Rugiu Gavin. Ele fechou os olhos e só os abriu quando ouviu a porta fechar. Quando uma mão suave posou em seu peito, olhou nos olhos cinzas preocupados.

— E agora? — Perguntou, olhando para a porta fechada.

— Ele não vai voltar.

— Verdade? — Gavin roçou-lhe a bochecha brandamente com o dorso da mão. Ela se apoiou na carícia, fechou os olhos como se estivesse saboreando o contato de sua pele.

— Você não tem que se preocupar com ele. A única coisa pela qual tem que preocupar-se está aqui. — A cautela voltou para seus olhos.

— Com o que preciso me preocupar aqui dentro? — Apesar de que ainda era estava instável sobre seus pés, levantou-a com facilidade. Ela chiou e envolveu suas pernas ao redor de sua cintura.

— Comigo.

CAPÍTULO TRÊS

Tudo o que Kia podia fazer era agarrar-se a ele enquanto Gavin a carregava por um corredor até um quarto. Ela tentou olhar ao redor, mas ele a deixou cair na cama e logo subiu também. Seus pensamentos pararam quando ele a atraiu para seu corpo, moldando-os do quadril as coxas.

O choque a manteve imóvel, todos seus sentidos em sintonia com a desconhecida sensação de ser embalada ao lado de um firme corpo masculino. Durante anos, seu pai a tinha mantido isolada dos outros, só permitindo que ela tivesse contato com os investigadores que trabalhavam com ele. Acostumou-se a estar só, consolada por seus livros e sua imaginação, mas o contato humano era algo que não podia obter das páginas de um livro.

Um suave suspiro escapou de seus lábios e o pequeno gemido era quase embaraçoso, mas não se importou. Sentia-se tão bem ao estar pressionada contra seu calor, como se nada no mundo jamais poderia lhe prejudicar. Ela enterrou a cara em seu pescoço e quase gemeu ante a sensação decadente de sua pele esfregando-se contra a dele.

— Não posso acreditar que é real. Estou sonhando? — Gavin se afastou ligeiramente.

— O que quer dizer? — Ela ficou tonta com a visão de seu belo rosto, guardando mentalmente cada aspecto de sua aparência, seu grosso cabelo escuro e seus quentes olhos marrons, com a mandíbula forte que fez com que seus dedos fizessem cócegas por tocá-lo. Ele era seu Gavaanik. Mas diferente, uma forte versão masculina do menino doce que tinha sido. Foi como descobrir que os unicórnios são reais ou que as vacas em realidade poderiam voar sobre a lua. Exceto pelo fato de que este descobrimento havia trazido um mundo de dor, porque significava que durante anos a tinham mantido longe da verdade e que seu pai lhe tinha roubado, algo ainda mais valioso que a sua saúde. Tinha lhe roubado o amor de sua vida e quase tinha tido êxito em lhe roubar sua prudência. Algo em seu rosto devia ter mudado porquê de repente, ele parecia perigoso.

— Kitaana, onde esteve todo esse tempo? — Mesmo isolada como ela esteve, era da cultura dragão e podia ler a energia procedente de seu corpo. Instintivamente sabia que sua ira não estava dirigida a ela, mas sim em seu nome. Ele ia destruir a qualquer um que lhe fizesse mal.

— Meu pai... Eu estava vivendo com meu pai. Levou-me de volta ao mundo dos humanos. Ele queria que eu me encaixasse ali.

Ele aproximou a mão do seu rosto novamente. Seus olhos pousaram em seus lábios enquanto ela estava falando e Kia estremeceu ante a repentina onda de calor que rodou através dela. Seus olhos não se moviam para seu corpo, mas a pequena peculiaridade de seus lábios lhe fez saber que ele sabia o que estava provocando nela.

— Seu pai disse que você tinha morrido. Ele nos culpou por não te proteger. — As lágrimas brotaram. Durante todo este tempo esteve desejando ele e ele tinha estado de luto por ela.

— Não tinha nem ideia. Quando perguntei sobre você, disse que era minha imaginação. Que eu nunca tinha brincando com um menino pequeno que podia se transformar em um dragão. Fez-me pensar que estava louca.

— Kitaana...

— Por que continua me chamando assim? Meu nome é Kia. — Seus olhos se suavizaram com algo que só podia ser compaixão.

— Chamo você de Kitaana porque esse é o nome que te deram quando nasceu, meu amor.

Ela ficou olhando-o, lendo a verdade da declaração em seus olhos. Então tudo foi muito e cobriu o rosto com as mãos.

— Tudo foi uma mentira. Toda minha vida. Quase desejo que ele tivesse realmente me matado ao invés de simplesmente me usar como uma cobaia.

Seu corpo enrijeceu contra o dela e Kia abriu os olhos. Ficou sem fôlego pela surpresa. Suas pupilas tinham mudado e ele estreitou os olhos cor de ouro.

— Quem fez experiências com você? — Ela se afastou dele e envolveu seus braços ao redor da sua cintura. Falar da forma em que tinha sido criada era algo que nunca tinha feito. Durante anos, tinha sido advertida por seu pai para

manter a boca fechada ao redor dos poucos forasteiros aos que estava exposta, tais como médicos e enfermeiras, já que a levariam imediatamente se descobrissem que era diferente. Tinha-lhe causado um profundo medo aos estranhos e ensinou a não confiar em qualquer pessoa com os detalhes a respeito de suas deformidades. Assim foi como ele acreditou que tinha, defeitos que precisavam ser corrigidos. Kia não se deu conta totalmente até esse momento do muito que havia aceitado essas ideias.

Não há nada de errado em mim, pensou. Não sou um monstro. Sou um dragão. Deu uma olhada para Gavin. Igual a ele. Ela respirou fundo.

— Ele queria que eu fosse humana. Passou sua vida testando diferentes drogas que impediriam o aparecimento das características dos dragões. Funcionou durante um tempo. Mas uma vez que fui crescendo, havia coisas que não podia arrumar. Embora não deixou de tentar. Depois de um tempo tudo se misturou de tal modo que eu não estava segura do que era real e o que era minha imaginação. — Os olhos de Gavin se estreitaram ainda mais.

— Alguém te drogou... — Não era uma pergunta, assim Kia encolheu os ombros. Sua cabeça tombou e um segundo mais tarde suas escamas saíram. Quando abriu os olhos de novo, suas pupilas, douradas ardiam de paixão.

— Quem foi? Vou arrancar a carne de seus ossos. Eu mataria a qualquer pessoa que te causasse um momento de medo, mas isto, isto não posso suportar. Alguém que se atreve a roubar uma fêmea de dragão de sua família e lhe fazer dano desta maneira não merece uma morte honorável. Tenho que vingar sua dor. — Kia ficou sem fôlego quando ele se inclinou e pressionou. Podia sentir o sopro suave de sua respiração contra sua bochecha. Seus lábios se separaram, desejando o sabor dele, mas não se atrevia a inclinar-se para cima e tomar o que queria. Já era uma sobrecarga sensorial estar tão perto dele.

— Não quero que lute por mim. — Ele deslizou seus braços por debaixo de seu torso e a sustentou contra seu peito. Sentia-se como uma boneca enquanto a embalava tão brandamente. Sua mão se arrastou por seu cabelo, introduzindo-se através dos fios.

— Tenho que lutar por ti, meu amor. Vou fazer com que ele sinta cada pedacinho de dor que te causou. Só me diga quem é. Eu vingarei você e a sua família. — Ela levantou o olhar para ele.

— Por isso mesmo. Foi minha família. O homem que me drogou era meu pai. — Gavin queria queimar tudo até os alicerces. A raiva que sentiu ao escutá-la descrever sua vida tinha despertado o instinto de amparo que ele tinha. Sua dor precisar ser vingada e em sua mente, ele já estava planejando um modo de ataque para lhe dar a tranquilidade de saber que seus captores estavam mortos.

Ele nunca teria adivinhado que o brilhante Dr. Warren que recordava prejudicaria a sua própria filha. Ele tinha culpado os dragões por não os proteger, assim por que machucar sua própria filha? Apesar de que seu pai havia sido humano, tinha passado anos na sociedade dragão e tinha parecido que se ajustou por completo a suas ideologias e a sua ética. O amparo das mulheres era um dos princípios fundamentais da sociedade dragão.

Devido à dificuldade de encontrar um parceiro e a delicada natureza dos nascimentos de dragão, nos últimos anos a população dragão tinha sofrido muito. Houve menos fêmeas de dragão nascidas a cada década, por isso que aquelas que sobreviveram eram protegidas e entesouradas. A ideia de um pai ferindo a sua própria filha era inadmissível.

— Seu pai te fez isto? — Ela tragou saliva e olhou para o outro lado. Gavin continuou brincando com seu cabelo, sentindo que o toque suave estava acalmando-a.

— Kia? — Ele tentou o nome, esperando que se usasse o nome que estava acostumada a ajudaria a confiar nele. Tinha que ser aterrador para ela descobrir tantas coisas novas de uma vez. Finalmente deixou escapar um suave suspiro.

— Sim. Realmente não lembro muito de minha infância. Nem sequer se já mudei.

— Nenhuma vez? — Ele abandonou toda a intenção de permanecer neutro e deixou que sua surpresa se notasse em sua voz.

Ele tinha se transformado desde que era um menino, embora os mestiços geralmente não pudessem mudar tão cedo, inclusive eles se transformavam na adolescência. Soava como uma tortura, ter um dragão encerrado dentro de você sem poder sair.

— Não. Meu pai me iniciou nas drogas de supressão muito jovem, e há a possibilidade de que não possa mudar jamais, mas tenho escamas. —

Em uma tentativa, olhou em sua direção e fechou os olhos apertando os lábios. Finas escamas deslizaram e cobriram seus braços e pescoço. Ela abriu os olhos e sorriu quando os viu.

— Olhe! Fiz outra vez. Normalmente só funciona se estou zangada ou assustada. — Ela parecia tão orgulhosa de si mesma que Gavin só queria beijá-la.

— É perfeita. — Sussurrou. Kia mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Apenas sinto que só posso colocar um pé na frente do outro quase todos os dias. Há tantas coisas que não sei e nem sequer estou segura de por onde começar.

Isso lhe deu uma ideia. Havia tantas coisas que queria fazer por ela. Agora que se reencontraram, queria cuidar dela, lhe prover, protegê-la e amá-la, mas todas as coisas que queria fazer eram só para ela. Assim que lhe daria o que mais necessitava. A certeza de que não estava quebrada.

— Venha. Vamos para fora. — Ficou de pé e estendeu a mão para ela. Depois de um momento de hesitação, ela aceitou e permitiu puxar ela para cima. Gavin baixou o olhar para o que estava vestindo. Tirou o pulôver pela cabeça e o jogou no extremo da cama, deixando seu peito nu.

— Bem, agora podemos ir. — Kia ficou olhando seu peito, a cor subindo para suas bochechas.

— Ou podemos fazer isso. — Ela deu meia volta e se dirigiu para o corredor deixando Gavin para trás.

Refletiu sobre sua estranha reação enquanto a seguia pelo corredor e logo ficou na frente. Por que parecia tão assustada? Foi criada no mundo humano, idiota. Eles não tiram a roupa da maneira que os dragões fazem.

Gavin amaldiçoou seu engano. Ele tinha feito uma extensa leitura sobre as diferenças entre a cultura humana e a cultura dragão. As fêmeas humanas não apreciam os homens que tiram a roupa sem aviso prévio, a menos que fosse parte de um espetáculo de baile como os que se veem na televisão. Os homens nesses espetáculos tinham um físico mais parecido com a maioria dos homens dragão, só podia esperar que achasse seu corpo agradável.

Ele abriu a porta principal e a conduziu para fora. O campo aberto entre sua casa e a de seus irmãos estava vazio. Ian devia ter ido para casa com sua companheira. Agradecido por isso, Gavin se virou e levou Kia para sentar-se ao lado da porta principal.

— Espere aqui. Quero te mostrar algo. — Ela se sentou nos degraus e envolveu os braços ao redor das suas pernas. Ele retrocedeu uns cinquenta metros e empurrou suas calças para baixo. Os olhos da Kia se arregalaram.

— Não olhe para o outro lado. Não quero que perca nada. — Advertiu. — Está bem.

Gavin ocultou seu sorriso e logo se concentrou em seu dragão. A queimadura familiar, o pop e o estiramento de seus ossos, músculos alargando-se passaram em um abrir e fechar de olhos. Ele a olhou agora de sua grande altura. Ela estava olhando para ele com a boca aberta.

De joelhos, colocou seu corpo rente ao chão e estendeu suas asas da mesma maneira que estava acostumado a fazer quando eram meninos. Era um risco, com a esperança de que ia recordar isto, mas depois de uns momentos ficou de pé com as pernas bambas e se aproximou. Ele se manteve o mais quieto possível, não querendo assustá-la. Finalmente, tocou sua asa direita com a mão.

Então, logo que o fez, ela puxou a mão para trás e tampou o rosto. Gavin se moveu para trás até que teve espaço para mudar. Uma vez que estava de volta em sua pele humana, moveu-se lentamente para ela.

— Kia. Ainda sou eu, amor. Eu sei que dá medo, mas não tem que ser assim. Estávamos acostumados a nos divertir. Lembra-se? — Ela assentiu tristemente.

— É por isso que estou chorando. Porque lembro. Durante anos, desejei que fosse real e estou tão assustada que isto seja só mais um sonho que me será tirado. Nem sequer nos conhecemos agora.

— Podemos nos conhecer de novo. Gavaanik e Kitaana representam quem fomos quando eramos crianças, mas não há nada que impeça a Gavin e Kia de serem amigos, verdade? — Ela não parecia muito convencida.

— Mas o que acontece se eu não conseguir ser como você? Quero mudar, também. Quero ser o que deveria ter sido. E estou tão assustada de que nunca

Lançamento Especial
8 anos de Shifter's Homeland

vá acontecer. — Aflito, Gavin desistiu de ir lento e a tomou em seus braços. Sua companheira precisa e ia cuidar dela.

— Sei que é muita coisa para digerir, mas podemos dar um passo de cada vez. Vou lhe ensinar como mudar e inclusive se isto não acontecer, está bem também. Eu cuidarei de você. Secou as lágrimas com o dorso da mão.

— Não pode cuidar de mim para sempre.

— Olhe para mim. — Em seguida, Gavin fez algo que tinha estado desejando durante os últimos quinze anos. Levou sua companheira para casa.



CAPÍTULO QUATRO

Nas horas seguintes, Kia decidiu ignorar o crescente pânico no fundo de sua mente e simplesmente permitir-se desfrutar do momento. Ver Gavin estava se convertendo rapidamente em um vício. Movia-se com uma graça tranquila que recordava a um predador. Negou-se a permitir que ela estivesse fora de sua vista, então se encolheu em um canto do sofá enquanto ele preparava uns sanduiches.

Kia se encontrou atenta a cada palavra que lhe disse, de seus irmãos e seus novos companheiros, enchendo os espaços vazios entre eles com o bate-papo sem sentido. Era estranho, porque ela se deu conta de que ele não era normalmente o tipo falador, mas estava tentando deixá-la tranquila. Observou-a cuidadosamente enquanto comia seu sanduiche e só começou a comer o seu quando esteve convencido de que ela estava satisfeita.

Depois de uma vida sendo observada, não deveria sentir saudades de ser o foco de tal intensidade. Entretanto, podia sentir e não tinha nenhuma dúvida de que ele estava observando-a só para assegurar-se de que ela estivesse satisfeita. Isso fazia toda a diferença.

Uma vez que ambos estavam alimentados, ele a levou de novo para seu quarto. Ligou o pequeno abajur junto à cama e se moveu através do quarto para acender um abajur de pé no canto. Kia olhou ao seu redor, com curiosidade a respeito de seu espaço. A casa era modesta, mas acolhedora, com apenas a cama, um aparador de carvalho claro, e uma mesa. Havia uma pilha de livros no armário, o que parecia ser o único toque de personalidade na habitação. Que contraste com seu próprio quarto na sua casa.

Agora que ela estava sozinha, rodeou-se de cor e fantasia a cada passo. Virtualmente teria levado a si mesma à bancarrota nessa primeira viagem de compras, querendo comprar todas as mantas de cores, travesseiros ou bagatelas que pudesse encontrar. Havia sentido como uma liberação de algum tipo, permitindo a liberdade de ser frívola.

— Aqui há uma camiseta que pode vestir para dormir. E tem escovas de dente novas no armário do banheiro. — Ele fez um gesto para a porta do outro lado da habitação.

— Está bem. Obrigada.

Kia segurou a camisa em seu peito sem olhar em seus olhos. Estava agradecida de que ele não assumisse que estava cômoda com a nudez como ele. Não estava segura se isso era uma coisa dragão ou só uma coisa de Gavin, mas não havia maneira de que pudesse tirar as roupas diante dele. Ela nunca tinha estado completamente nua diante de ninguém antes e com todos os outros transtornos em sua vida, este não era o dia que começaria.

Seus olhos se encontraram justo antes de fechar a porta do banheiro entre eles. Suas emoções passaram por uma curiosa falta pela separação. Mais tarde ela provavelmente se perguntaria por que não estava assustada por sua suposição de que ela ficaria com ele. Sua mente racional reconheceu que era uma loucura ficar com um homem que não conhecia muito bem. Ela tinha experiência limitada com as pessoas de sua mesma idade e absolutamente zero com os homens, pelo que realmente deveria ter corrido para a porta. Mas em troca, seu espírito estava calmo pela primeira vez em anos.

Foi essa sensação insistente de voltar para casa depois de um longo tempo fora. Ela não se sentia estranha na companhia de Gavin absolutamente. Sentia-se como se estivesse onde deveria ter sido sua casa desde o começo. Houve um ligeiro golpe na porta.

— Retornarei logo, amor. Só tenho que pegar algo em meu escritório.

— Está bem. — Disse em voz alta e logo voltou a recolher a camisa que lhe tinha dado.

Então ela fez uma pausa com a malha apertada contra seu peito. Agora que ele se foi, era como sair da névoa e seu pensamento racional retornou.

— O que estou fazendo? — Havia algo nele que lhe fez perder os seus sentidos. Era como uma espécie de síndrome de Estocolmo, no qual não estava tendo a resposta de medo lógico que deveria experimentar, e imaginava a si mesma como alguém especial para ele.

Tinha que sair dali.

Não havia nenhum som do outro lado da porta, então ela a abriu e colocou a cabeça para fora. A habitação estava vazia. Antes que pudesse pensar nisso, foi nas pontas dos pés para o corredor. Recordava vagamente que tinha caminhado por um dos corredores para encontrar Gavin na primeira vez que tinha entrado. Sua bolsa tinha sido abandonada junto à porta principal. Agarrou-a e abriu a porta.

Sua mente estava cheia de culpa, medo, dor e terror enquanto caminhava pelo campo. Ao passar junto a uma das outras casas, Ian saiu ao exterior junto com uma mulher de cabelo escuro a quem ele abraçou com amor. O desejo se apoderou dela. Isso é o que sempre tinha desejado, mas agora que estava aqui, só havia tantas perguntas como antes. Uma vez mais, ela era a estranha exceção. E se ela não pudesse mudar? Gavin a queria ainda se ela fosse um dragão defeituoso?

Tudo o que tinha desejado era ir para o mundo por sua conta, mas agora que o tinha feito, só queria voltar para o que lhe era familiar. A enroscar-se em seus pijamas favoritos, fechar os olhos e se sentir segura.

Não posso respirar.

Quando Ian a viu, ele a chamou, mas ela não parou em troca começou a correr. Nem sequer estava segura exatamente em que direção devia ir, mas algo era melhor que estar aqui. Onde tudo o que tinha querido era real, mas de algum jeito ainda fora de seu alcance. Ardiam-lhe os pulmões e ela apertou sua garganta, tentando obter ar. Com o coração acelerado e sua cabeça dando voltas, tropeçou com seus próprios pés e caiu de joelhos.

Olhou ao redor em estado de pânico, com a esperança de estar perto de seu carro. Em seu lugar se encontrava no centro do campo e não sabia exatamente onde estava. Seu sentido de orientação estava ausente e o ataque de pânico não estava ajudando.

Um rugido soou na distância. Seu coração se encolheu. Gavin. Ele simplesmente tinha descoberto que ela se foi. Não tinha sentido perguntar como sabia que era ele. Ele estava em sua cabeça e a conexão entre eles somente se fazia mais forte, como se fosse hera enredando-se ao redor de sua garganta.

Por cima de sua cabeça, o vento se agitou e levantou a vista a tempo de ver um grande dragão dourado voando sobre sua cabeça. Gavin aterrissou

diretamente na frente dela e mudou imediatamente. Sua mandíbula mostrava uma expressão sombria enquanto caminhava para ela e Kia estremeceu. Em sua investigação sobre a cultura dragão, leu sobre acasalamento e como era importante para eles. Nada ficava entre um dragão e sua companheira.

Uma vez que a tivesse reclamado, nunca a deixaria ir.

Estremeceu de novo, mas desta vez pela antecipação ao invés de medo. O que estava errado com ela? A ideia de ser perseguida por Gavin enviou uma pequena onda de desejo diretamente entre suas coxas. Para uma garota que sempre tinha visto seu corpo como uma ferramenta ou um projeto era uma revelação descobrir que ela poderia ter estes sentimentos, que podia ser um objeto de desejo, sobre tudo para um homem forte e atraente como este. Mas logo que teve a ideia, ela afastou.

Os Dragões preferiam manter-se afastados e não se interessavam plenamente pela sociedade humana. Ela era um dragão, não podia negar isso, mas era humana também. Estava realmente disposta a renunciar a sua nova autonomia e comprometer-se por completo sua vida na casa de algum dragão? Não. A ideia de ser mantida longe do mundo a deixava doente.

Não tinha trabalhado tão duro para se liberar do controle de seu pai só para permitir ser controlada por outra pessoa.

Ela tropeçou em seus pés e correu.

Quando Gavin voltou de sua oficina, levou uns minutos para dar-se conta de que alguma coisa estava errada. A porta do banheiro estava um pouco aberta e a luz acesa. Sentou-se na cama e tentou acalmar-se. Ia passar a noite com sua companheira pela primeira vez em muito tempo e precisava de controle para que fosse bom para ela.

Ela provavelmente não ia estar preparada para nada disso.

Tinha que lembrar que sua companheira tinha sido criada mais ou menos como uma humana. Ela não tinha a mesma visão do vínculo de companheiros que a maior parte dos dragões conhecia. Era considerado sagrado e ninguém colocava em dúvida a moralidade de estar com sua outra metade, inclusive se não se conheciam por muito tempo. Entendia e aceitava que o destino trazia seu par perfeito quando estavam preparados para isso.

Kia, entretanto, ia precisar de um pouco mais de tempo para sentir-se cômoda com ele. Nem sequer estava cômoda com sua herança de dragão. Gavin sacudiu a cabeça ante a ideia. Não podia acreditar que não tinha sido permitido a ela mudar em todos esses anos.

Estava demorando muito, e ele se levantou e se aproximou da porta do banheiro. Já que estava um pouco aberta, golpeou uma vez e logo entrou. A camiseta que lhe tinha dado estava no chão e uma escova de dente nova estava no mostrador em sua embalagem de plástico. Era estúpido, mas olhou atrás da cortina da ducha para assegurar-se de que ela não estava ali. Não houve necessidade de confirmar o que seu nariz já sabia que era certo, mas o fez. O banheiro estava vazio.

Sua companheira se foi. De novo. E desta vez ela o tinha deixado voluntariamente.

O som que lhe escapou vinha diretamente de sua alma. Ela não podia tê-lo deixado de novo. Não quando ele tinha acabado de consegui-la de volta. Ele irrompeu através de seu quarto ao final do corredor. Seus olhos examinaram a área rapidamente. Apesar de que era improvável, percorreu todos os cenários possíveis através de sua mente. Ela poderia ter saído por um pouco de ar e foi atacada por caçadores de dragões. E se Ian ainda a via como uma ameaça e tinha retornado e a levado?

Com todos os possíveis cenários que considerou, seu coração pulsava mais rápido e o suor banhava sua testa. Enquanto abria a porta principal, sua mente distorcida pela raiva e o medo, em tudo o que podia pensar era que tinha perdido a sua companheira de novo e desta vez não poderia tê-la de volta.

Minha companheira se foi. Minha companheira se foi. Minha companheira se foi.

Logo que seus pés tocaram a grama mudou, elevando-se ao ar com o potente bombeamento de suas asas. Voou sobre duas pequenas figuras que reconheceu como Ian e sua companheira, Morgan. Fazendo caso omissos deles, no momento, deu a volta na outra direção. Kia estava enrolada no chão em uma pequena bola. Deu a volta por cima, logo aterrissou de frente dela, mudando enquanto tocava a terra.

Kia se curvou em si mesma e um tremor a sacudiu com tanta força que quase caiu. Instintivamente ele se aproximou mais. Foi então quando deu a

primeira olhada em seu rosto. Seus lábios em uma linha fina e sua testa estava enrugada. Eram essas, lágrimas...? Quando ele se aproximou para ver se se estava bem, de repente ficou de pé e correu na outra direção. Longe dele.

Então a verdade o golpeou como um tiro nas tripas. A descoberta da verdade, o manteve no lugar enquanto seus instintos clamavam para que ele a perseguisse, levá-la para casa e mantê-la por perto. Por muito que a desejasse e a amasse, ela não se sentia da mesma maneira. Ela estava assustada. Com medo dele.

Seus joelhos cederam e se deixou cair sobre a grama úmida. A dor agonizante que o tinha levado fora anteriormente não tinha retornado, mas logo ficou consciente de quão cansado estava. Seus membros se sentiam como se estivessem carregados de ferro e estava cada vez mais difícil manter os olhos abertos. Talvez só pudesse ficar ali por um momento. Sua terra era privada e não importava se dormia do lado de fora, verdade?

À medida que estava pensava nisso, ouviu o suave sussurro da grama diante dele. Abriu um olho. Kia o olhava a uns poucos passos de distância.

— Ainda está aí? — Ele grunhiu.

— Deve fugir agora. Enquanto estou muito fraco para atrás de você. — O conselho pareceu surpreendê-la. Cruzou os braços.

— Por que me diz isso? É evidente que isso não é o que quer.

— Não. O que quero é que esteja comigo. Sempre. Mas eu prefiro viver o resto desta vida em agonia sem você, do que te causar um momento de dor. — Seus dedos se retorceram nos extremos de seu cabelo comprido. Gavin seguiu o movimento, ávido de ver tudo o que fazia. Estava sendo mais difícil manter os olhos abertos. Algo no fundo de sua mente se perguntou se isto era uma reação retardada ao soro que tinha tomado. Se assim fosse, provavelmente Kia devia avisar seus irmãos. Não podia abrir sua boca para dizer esse pensamento, então só se concentrou em seus magros dedos brincando com as pontas de seu cabelo. Se estivesse morrendo, queria morrer olhando ela.

— Gavin? Gavin? Tem que despertar! — Despertou sobressaltado para encontrar sua cabeça apoiada em seu colo. Ela acariciou seu cabelo brandamente enquanto seus grandes olhos de cor cinza examinavam seu rosto.

— O que aconteceu?

— Desmaiou de novo. O que está acontecendo com você? Pensei que os dragões não adoeciam.

— Não fazemos. — Dizer a ela o que tinha feito poderia unicamente assustá-la até que ele descobrisse a maneira de revertê-lo, ia manter-se calado. Ela não precisava sentir culpa, por como sua ausência lhe tinha afetado. Não foi culpa dela e ela era mais uma vítima do destino do que ele.

— Talvez deva ir procurar o seu irmão?

— Não. Só me ajude a levantar. — Eles lutaram para ficar de pé, Gavin a usava como uma muleta enquanto desenrolava suas pernas. Tomou muito mais tempo do que deveria dado que era uma coisinha pequena e que não queria apoiar-se nela muito pesadamente. Mas com sua ajuda, tomaram passos lentos e cuidadosos até que chegaram a sua casa. Uma vez dentro, deixou-se cair no sofá e apoiou a cabeça na parede atrás dele.

Quando por fim recuperou o fôlego, ela ainda estava de pé perto da porta. O medo que tinha visto em seu rosto anteriormente se foi, mas ainda parecia tensa. Ver sua companheira em apuros transformou seus instintos de dragão em um alvoroço e grunhiu quando uma onda de energia fez que suas garras se estendessem e suas escamas emergissem para fora. Ela deu um pequeno passo para trás.

— Você realmente deveria ter ido enquanto teve a oportunidade.

Por um momento parecia aterrorizada, então levantou o queixo.

— Pare de tentar me assustar. Não tenho medo de você. Vim aqui em busca de respostas e tenho a intenção de conseguir. — Sua postura agressiva só o acendeu mais. Os dragões amavam e veneravam mulheres fortes.

— Que tipo de respostas?

— Algo. Mantiveram-me longe do mundo dos dragões toda minha vida. Eu não sei nem por onde começar. Moveu-se até que pôde sentar-se com as costas reta.

— Então vamos começar pelo princípio. Quem foi. E quem é para mim?
— Vários segundos passaram e logo se olharam diretamente.

Lançamento Especial
3 anos de Shifter's Homeland

— Sou sua companheira, verdade? — Assentiu.

— Sabe o que isso significa? — Ela deu um encolher de ombros.

— Posso adivinhar. Mas isso faz parte do passado. Quer dizer, nós não nos vimos em anos.

Com seu silêncio, ela estendeu a mão e pegou as pontas de seu cabelo outra vez. Gavin cobriu o rosto com uma cansada mão. Isto era ainda pior do que pensava. Não só era totalmente ignorante de sua herança, mas também nem sequer entendia o que significava ser a companheira de um dragão. Se sua intensidade a tinha assustado antes tanto a ponto de partir, ele provavelmente a faria correr se lhe dissesse que os dragões se acasalavam por toda vida.

— Provavelmente deveríamos começar pelo princípio.

— Na verdade deveríamos te colocar na cama em primeiro lugar.

— Você não sabe quanto tempo desejei poder te ouvir dizer isso. — Gavin riu brandamente. Inclusive quando lhe dirigiu um olhar de recriminação não pôde deter. Havia tantos outros comentários sujos que poderia ter feito nesse momento, mas tomou seu braço de novo e seu toque suave contra sua pele nua levou todos outros pensamentos de seu cérebro. Ajudou a caminhar até o final do corredor e logo deu um passo atrás enquanto subia na cama.

— Bem, agora o que faremos?

CAPÍTULO CINCO

Se alguns meses atrás alguém tivesse lhe dito que ela estaria mais interessada em bancar a enfermeira que averiguar sobre sua infância, ela não teria acreditado. Mas honestamente não foi difícil deixar suas perguntas de lado quando Gavin parecia estar à beira da morte.

Tão ansiosa como Kia tinha estado em busca de respostas, ela precisava ter Gavin fora de perigo. Foi um choque descobrir que seu bem-estar superou a sua permanente busca por respostas.

Ela olhou nervosa quando Gavin se moveu cautelosamente debaixo dos lençóis, tentando ficar à vontade. Deve ter encontrado finalmente uma posição que gostasse, porque soltou um gemido que enviou calafrios por toda sua pele. Ela sacudiu a cabeça.

— Disse que deveríamos começar pelo princípio. Há quanto tempo sabe que é um dragão? — Ele riu entre dentes.

— Toda minha vida. Não posso imaginar não saber. Desde a primeira vez sendo um menino. Teria sido difícil não saber o que era. — Kia se maravilhou ante a imagem de um bebê Gavin desdobrando suas asas.

— Isso parece tão incrível. Podia voar?

— Não muito bem. Ao menos não no princípio. Mas meu pai me ensinou. Meus irmãos me ensinavam. Ian estava acostumado a me perseguir pelo bosque e rir de mim quando eu não podia alcançá-lo. Sua cara se escureceu de repente.

— Isso foi antes da guerra. Meus pais foram acusados de traição e assassinados. Meu tio tomou o trono e nos exilaram.

— O trono? — Olhou para cima.

— Sim. Rivenell é governado por uma monarquia. Meu primo Avan é o atual rei. Ele assumiu depois que meu sanguinário tio morreu.

— Sinto muito. Não sabia.

— Não havia maneira de que pudesse saber disso. Mas a guerra afetou você também. Era um caos e estávamos lutando nas ruas. Você foi ferida no meio da luta e seu pai enlouqueceu. Estava muito machucada, todos pensávamos que estava morta. Culpou-nos por não te proteger. Culpei-me por não te proteger.

— Mas, não era um menino quando aconteceu? — Sua percepção era errônea? Apoiando-se em seus sonhos sempre tinha tido a impressão de que Gavin não era muito maior que ela.

— Eu tinha nove anos de idade.

— Gavin! Era só um menino. Como poderia ter me protegido?

— Está esquecendo de que os dragões chegam à maturidade muito mais rápido que os humanos. Eu era muito mais forte que um adulto humano mesmo nessa idade.

— Mesmo assim. Não tem sentido pensar que poderia ter me mantido a salvo. Não te culpo por nada, Gavin. — Fez uma careta e ela sabia que nada ia trocar seu modo de ver o passado. Entretanto, seu interesse no passado era mais sobre os acontecimentos que levaram a sua situação atual.

— Viveu aqui toda sua vida?

— Não. Eu nasci em Rivenell, um território dragão que está localizado profundamente dentro das montanhas. É um lugar folindo. — Imediatamente sua mente evocou imagens de verdes colinas e flores tão grandes como suas mãos. Kia não podia recordar nada concreto, era mais como uma impressão, o que lhe frustrava.

— Estávamos acostumados a correr por quilômetros e ninguém nos incomodava.

— Você não me deixava voar sobre suas costas. — Gavin olhou-a.

— Recorda?

— Não exatamente. Só fragmentos. Por anos, pensei que era um sonho, mas quando meu pai mencionou seu nome um dia, isso mudou tudo. Mas tinha tanto medo de acreditar.

— Medo de acreditar no que, amor? — O carinho em sua voz derreteu o último pedacinho de sua resistência. Embora fragmentados, suas lembranças lhe disseram que ele a tinha amado. Vendo como a tratava, ele a amava.

Apesar do quão aterrorizador e intenso fosse, Gavin era a única pessoa que podia entender o desordenado de suas lembranças. Ela precisava desesperadamente confiar em alguém.

— Alguma vez quis algo com todo seu coração, e então conseguiu e teve medo de acreditar que é real?

— Cada dia — sussurrou. — Olhou para cima. Quando seus olhos se encontraram, ela se moveu para frente, sentindo como se estivessem conectados por um laço invisível. Ela se sentou na beirada da cama junto a ele, sentindo seu calor, inclusive através das roupas. Seus olhos fecharam quando fizeram contato. Outro desses pequenos calafrios correu por sua coluna dorsal.

— Está ficando tarde e sei que têm muitas perguntas. Então me deixe te perguntar algo que preciso saber. Ficarão comigo esta noite? Sem segundas intenções. Só quero saber que estará aqui quando despertar. — Kia engoliu em seco e lhe deu uma olhada. Era difícil ignorar quão íntima esta situação era realmente. Estava nu sob o lençol. Para alguém que só tinha visto meninos era mais que um pouco assustador. Mas era Gavaanik. O amigo que a tinha acompanhado em sonhos e o objeto de toda sua adoração adolescente. Era tão grande e musculoso. Seu sonho era quente.

Quando ela se moveu um pouco mais perto, deu-se conta de que realmente estava quente. Ardendo. Ela pôs uma mão sobre sua coxa. Estava emanando tanto calor que ela poderia senti-lo inclusive através das cobertas. Não importa o que ele dissesse, ele estava doente e não ia deixá-lo como estava. Ficaria, não só para averiguar mais a respeito de seu passado, mas também para assegurar-se de que se sentia melhor.

Ou ao menos foi isso o que disse a si mesma para justificar-se. Mas realmente estava ficando só porque ela queria. Durante anos, tinha seguido todas as regras e tinha conseguido o que com isso? A partir de agora ela estava fazendo suas próprias regras. Ela queria ficar com seu... companheiro. Ela se ruborizou até pensando na palavra.

— Sim, ficarei. Já volto. — Ela saltou da cama e caminhou de volta para o banheiro. A camiseta e a escova de dente estavam onde o tinha deixado. Pegou a escova de dente de seu pacote de plástico, e escovou seus dentes com a pasta de dente que estava no armário. Tentou imaginar Gavin aqui escovando os dentes antes de deitar e fazer as coisas cotidianas. Parecia absurdo imaginar a um homem que poderia converter-se em um dragão sendo um tipo normal. Mas isso era parte de por que queria ficar.

Em sua mente tinha imaginado a estes místicos dragões, incríveis criaturas que eram temidas e adoradas quando, em realidade, eram pessoas. Ela precisava descobrir sua humanidade para abraçar a ideia de ela mesma ser um dragão. Gavin podia ajuda-la com isso.

O fato de que é atrativo e desejo me esfregar contra ele nu não tem nada a ver com isto, né?

Ela cuspiu na pia e logo enxaguou a escova. As duas seções de seu cabelo onde o azul preponderava estavam penteados de tal maneira que se mantinham ocultos a simples vista. Ela tirou as presilhas e deixou seu cabelo solto ao redor de seu rosto. Depois de um momento de vacilação, tirou a roupa e vestiu com sua camiseta.

— Bem, vamos. — Quando ela abriu a porta e entrou no quarto, Gavin cerrou a mandíbula ante a primeira visão dela em nada mais que sua camiseta. Com o cabelo solto, parecia muito mais jovem. Isso foi tão único freou a sua libido e o convenceu de que devia conter-se. Kia tinha estado cativa e podia assustar-se.

Depois de estar presa por seu pai durante tanto tempo, não havia nenhuma possibilidade de que ela tivesse lidado com o desejo de um homem antes. Se ela tinha alguma ideia de seus sujos pensamentos estaria aterrorizada e essa era a última coisa que queria. Assim se obrigou a manter seus olhos nas cobertas quando ela subiu do outro lado da cama. Houve um suave sussurro do tecido quando se acomodou sob as cobertas. Incapaz de suportar mais a olhou. A camisa moldava sua silhueta amorosamente, seu ajuste ressaltava as curvas arredondadas de seus seios.

— Gavin! Estou vendo. — Apanhado, fechou os olhos.

— Sinto muito. É difícil não reagir quando minha companheira está na cama ao meu lado. É tão linda. — Kia pigarreou.

— Obrigada. Ahm, onde estávamos? — Seus dedos se fecharam sobre as cobertas entre eles.

— Honestamente, não tenho ideia. — Procurou desesperadamente algo para distrair-se. Por que não tinha notado antes quão bem cheirava? E quão perfeitos eram seus delicados traços?

— Estávamos falando a respeito de sua infância com seus irmãos. O que sabe sobre mim? Nasci no Rivenell também? — Agradecido pela mudança de assunto, Gavin se dedicou ao tema com gosto. Era melhor que lançar-se através do colchão e empurrá-la debaixo dele.

— Nasceu no clã vizinho, no Cavenair. Não havia muitos emparelhamentos Dragão-Humano em nosso clã, no Cavenair era mais comum. Especialmente se o humano em questão tinha informação que era útil para a comunidade Dragão.

— Como meu pai, — Kia forneceu. — Isso explica muita coisa.

— Por isso eu não entendo, seu pai teve seu primeiro encontro com os dragões quando um dos homens do clã lhe pediu ajuda para tratar a sua filha metade dragão metade humana. Estava fascinado com as diferenças entre as duas espécies. Ele foi um dos poucos investigadores a quem permitiram estudar conosco. Eu era muito jovem para estudar com ele, mas suas notas são muito detalhadas. Seu pai era um homem brilhante.

— Era. Há poucas coisas que meu pai não era capaz de obter. — Kia se esticou a seu lado. — Possivelmente não deveríamos falar disto. Não quero te incomodar. — Sua mão posou sobre a sua. Um palpitar de desejo revoava na boca de seu estômago com o toque suave.

— Não, quero entender. Você é parte disso.

— Sabe muito a respeito dos dragões? Geralmente os companheiros podem sentir um ao outro, inclusive se estão separados. Mas não senti que estava viva.

Gavin odiava sequer falar disso. O pensamento dela a mercê de alguém desumano durante tanto tempo fazia seu sangue ferver. Mas se perguntava se os medicamentos que utilizaram nela tinham algo a ver com a fórmula que o pai dela mesmo tinha desenvolvido.

— As drogas de supressão funcionam mediante o bloqueio dos hormônios que controlam os instintos do dragão. Bloqueia-os completamente. Assim parte de mim estava morta.

Gavin apoiou a cabeça em sua mão.

— As notas que seu pai deixou não têm uma formula completa. Deve ter feito os descobrimentos depois de ir embora.

— Provavelmente. Me consertar foi o trabalho de sua vida. — Seu rosto escureceu.

Gavin traçou o contorno de seu rosto com o dedo, fazendo uma pausa quando ela conteve a respiração de repente. Ela era tão formosa e não era só porque era sua companheira. Seus traços delicados e o cabelo multicolorido lhe davam a aparência de uma espécie de ninfa do mar.

— Kia, você sabe de que não precisa ser consertada, verdade? É perfeita. Perfeita. Exatamente como é.

O sorriso que cruzou seu rosto lhe fez sentir com dez metros de altura. Se isso faria com que ela fosse feliz, ia dizer lhe quão formosa era todo dia.

— Se somos de diferentes clãs, como nos conhecemos?

— Nossos pais eram aliados, assim fomos de visita não muito depois que nasceu. Logo que te vi soube. É obvio, só tinha quatro anos nesse momento senti como uma intensa necessidade de te proteger.

— E agora? — Moveu-se um pouco mais para perto, os lençóis se deslizaram e agruparam ao redor de suas pernas quando ela deslizou através da cama.

— Como se sente agora? — É obvio que seu pênis tomou isso como um convite a apresentar-se. Gavin amaldiçoou brandamente quando sua ereção imediatamente estava tão dura como uma rocha. Se estivesse mais perto, ela seria capaz de senti-lo. Inclinou a parte inferior de seu corpo em outra direção,

com a esperança de que ela não notasse o vulto que as roupas de cama pouco podiam esconder.

— Ainda se sente como naquele tempo?

— Igual naquele tempo, mas há um montão de outras coisas também. Coisas das quais provavelmente não deveríamos falar agora. Acredito que te assustei o suficiente por um dia.

— Estou começando a pensar que não estou suficientemente assustada.
— Então seus lábios estavam sobre os seus e o mundo deixou de existir.

Gavin agarrou o lençol e apertou para manter o controle. Sua boca roçou contra a sua, apenas um roçar suave, mas foi o suficiente para saber que ela nunca tinha beijado a ninguém antes. Então sua língua tocou seu lábio inferior timidamente e ele se esqueceu de ser cuidadoso. Seu instinto tomou a frente.

Inclinou seu corpo sobre ela até que teve seu peso pressionando-a contra o colchão. Com uma mão debaixo de sua cabeça ancorando-a nessa posição, tomou sua boca. Não havia outra maneira de descrevê-lo mais que a posse total, seus lábios sobre sua boca obrigando-a a aceitar o impulso de sua língua. Seu gosto feminino explodiu através dele, o sabor e o aroma dela tudo o que tinha perdido. Foi como se sua língua tivesse convencido a sua parte inferior de esfregar-se em um sedutor ritmo embalado entre suas coxas.

Ela gemeu em sua boca para depois envolver suas pernas ao redor de sua cintura, retendo-o contra seu corpo. Gavin queria rugir com triunfo. Ela era tão suave e cálida e toda dele. Seus dedos roçaram e levantaram a camiseta para cima e fora do caminho, se tirasse a camiseta a única coisa que ficaria seria o frágil tecido de suas calcinhas. Quando se esfregou de novo contra ela desta vez, seu pênis roçou seu núcleo.

Kia gritou, suas unhas afundando-se em suas costas enquanto ela se contorceu debaixo dele.

— Sim, isso. Toma o que precisa de mim. Não sabe que lhe daria tudo? Tudo que deseje. — Logo não sabia o que estava dizendo com ele acariciando seus quadris, só que ela estava respirando mais rápido e fazendo esses sons suaves, e indefesos que o deixavam louco. Ela estava ali com ele, arqueando seus quadris e respirando-o.

— Gavin! Quero você. Faça amor comigo. — Se afastou um pouco e tirou a camisa sobre sua cabeça, deixando-a cair no chão junto à cama. Seu peito subia e baixava com a força de suas respirações, as pontas rosa escuro burlando-se através das pontas de seu cabelo. Ela cruzou os braços sobre os seios. Isso o deteve. Vê-la assim, seus braços cruzados na defensiva para ocultar-se de seu olhar, só reforçou o que já sabia.

Isto estava se movendo muito rápido.

— Acredito que deveríamos ir dormir agora. Aconteceu muita coisa hoje e não é fácil para qualquer um. Inclusive para mim. — No princípio ela parecia incrédula, zangada e ferida.

— Você não me quer?

— Claro que te quero. Teria que estar morto para não te querer. Mas quero mais que o seu corpo. Se existe a possibilidade de que poderá lamentar isto amanhã, então não posso assumir esse risco. — Kia enterrou a cabeça contra seu peito.

— Estou cansada de esperar para viver minha vida. Todo mundo sempre decide quando posso fazer coisas ou o que devo experimentar. Quero tomar decisões por mim mesma.

— E o fará. Mas não tem que acontecer tudo em uma noite. Temos tempo.

— Fazer o que? — Então ele entendeu. Se ela nunca tinha estado no controle de nada, tinha medo de perder. Queria segurar com as duas mãos e aproveitar tudo, antes que o tirassem dela. Para sua companheira, o contato com os outros tinham sido como uma miragem. Algo que tinha visto de longe e não podia ter para si mesma.

— Nunca teve ninguém. Todo este tempo estive só. — Kia se agarrou a ele com mais força.

— Estou acostumada a estar sozinha.

— Não mais. Nunca estará sozinha outra vez. Agora vá dormir. Falaremos mais amanhã.

Lançamento Especial
3 anos de Shifter's Homeland

Então, Gavin abraçou sua companheira embalando-a entre seus braços onde pertencia e a segurou com firmeza. Depois de uns momentos, ela relaxou e descansou a cabeça sobre seu peito. Ele dormiu embalado pelo ritmo de seu coração pulsando ao mesmo tempo que o dele.



CAPÍTULO SEIS

Quando Kia acordou no dia seguinte, ela estava sozinha. E também estava nua.

Foi então que se lembrou de tudo. Ela se encolheu ao recordar como Gavin a tinha rejeitado e a mandado para cama como uma boa menina. Humilhação nem sequer começava a descrever o que tinha sentido ao oferecer-se nua a alguém pela primeira vez, só para ser rejeitada.

Não é como se ela pudesse reclamar já que ele estava certo. Se tivessem feito amor ela teria se arrependido. As coisas tinham parecido tão intensas e certas no momento, mas à luz brilhante do dia, não estava segura de como se sentiria a respeito de despir-se menos de vinte e quatro horas depois de reencontrá-lo de novo. De repente ela apreciou sua gentileza de sair do quarto antes que ela acordasse. Teria sido desconfortável acordar ao seu lado sem roupa.

Depois de vestir-se com a mesma roupa que tinha usado no dia anterior, caminhou pelo corredor e entrou na sala de estar.

Era um belo dia, se a luz que fluía através das janelas da frente fosse alguma indicação, e a vista deu a Kia um impulso de otimismo. Ela estava entre sua própria espécie pela primeira vez e todas as coisas que normalmente tinha que esconder estavam expostas sem nenhum problema. Seu cabelo ainda estava solto e Gavin, realmente, tinha parecido gostar da estranha cor ontem à noite. Não sentia como se não pudesse sorrir ou rir ao seu redor, por medo de mostrar suas presas.

Se sentia livre como jamais tinha estado em toda sua vida. Gavin apareceu na porta que conduzia à cozinha.

— Espero que você goste dos ovos. Esse é um dos poucos alimentos humanos que sei fazer.

— Está bom. Eu não sou exigente. — Ele fez ovos mexidos para ela e o que parecia uma pequena montanha de salsichas para ele, mas acabou por ser

carne de veado que ele mesmo tinha caçado. Estremeceu ante a ideia, mas não podia deixar de estar curiosa. Quando ele disse que tinha caçado, ela duvidava que queria dizer no sentido tradicional. Sua pesquisa havia lhe mostrado que a maioria dos dragões capturavam animais pequenos e comiam a carne crua.

Gavin a olhou como se sentisse suas perguntas.

— O que você gostaria de fazer hoje? Pode me perguntar mais sobre a forma em que crescemos se quiser. Ou talvez tenha outras perguntas sobre a vida dos dragões? Inclusive posso te levar a Rivenell se quiser.

Kia apertou o garfo. Ela tinha um monte de perguntas e definitivamente queria ver onde tinha vivido quando criança, mas essas não eram suas principais preocupações neste momento. Mas o que realmente queria era chegar ao mais importante.

— Você pode me ensinar a mudar?

Os cantos de seus lábios se levantaram ligeiramente.

— Eu adoraria fazer isso, bebê.

De repente nervosa, empurrou o último de seus ovos em volta de seu prato.

— Quero dizer, eu quero ir a Rivenell, também. Eu apenas pensei que talvez eu devesse tentar isso primeiro. Para ver se eu sou um dragão de verdade, sabe?

Ele pegou sua mão com cuidado, segurando-a entre as duas palmas de suas mãos. O calor a acalmou, centrando suas emoções que davam cambalhotas na conexão entre eles. Era sua única constante neste estranho novo mundo.

— Kia, você é um dragão, mesmo se não puder mudar. Você é um de nós e nada pode te tirar isso. Mas seria uma honra ajudá-la a tentar. É a sensação mais libertadora do mundo. Eu quero que tenha isso.

Ficou de pé e recolheu os pratos, negando sua oferta de ajuda. Depois de colocar os pratos na lava-louça, estendeu-lhe a mão. Ela a pegou depois de um momento de hesitação e o seguiu para uma ampla zona aberta.

Kia fechou os olhos e inclinou o rosto para o sol. O ar frio beijou suas bochechas e trouxe uma onda de gratidão. A ideia de mudar era assustadora,

mas não podia pedir um guia melhor. Comemoraria com ela se conseguisse e a consolaria se falhasse. Não havia nenhum inconveniente em tentar.

Não importava o que acontecesse, ela tinha Gavin.

Ele pegou o telefone e digitou algo. Ao ver seu olhar curioso, sorriu.

— Só avisando a meus irmãos e suas companheiras para não vir aqui fora para que você possa ter privacidade.

Comovida por sua consideração, Kia soltou a respiração que estava segurando.

— Estou nervosa.

— Eu também. — Ante seu olhar de espanto, esclareceu.

— E se eu não conseguir explicar corretamente e decepcioná-la? Também quero isto, por você.

— Você não vai me decepcionar.

Ele a ajudou a tirar sua camiseta e logo lhe deu as costas para que pudesse tirar o resto da roupa.

— Feche seus olhos. Agora imagine transformando-se em um dragão. — Kia esperou alguns instantes, tomando respirações profundas. Após cerca de sessenta segundos, ela começou a se sentir frustrada. Imaginou a forma que Gavin ficava quando mudava, mas ele tinha escamas de ouro e as dela eram azuis. Ela deveria imaginar isso? Depois de alguns minutos imaginando um grande dragão azul, ela abriu os olhos.

— Não está acontecendo nada.

Gavin virou-se, a pele no canto de seus olhos se enrugou quando ele viu sua expressão de mau humor. Ele estava rindo dela, maldito seja.

— Você não está relaxada. Acalme sua mente. Apenas respire.

Ela respirou e não aconteceu nada. Isso acabou por ser o início de um padrão de fracassos. Tentaram de novo no dia seguinte, e continuaram, na noite seguinte. Nada. Por fim, no terceiro dia, Kia decidiu que era o momento de se render. Não era como se os dois dias anteriores tivessem sido uma perda de tempo.

Gavin tinha ido com ela ao hotel para pegar suas coisas e tinha passado dois dias maravilhosos se conhecendo de novo.

Eles haviam conversado sobre tudo sob o sol, dos lugares que queria visitar, desde seus hobbies a seus medos.

Os dragões passavam muito tempo nus como ela havia descoberto e enquanto Gavin era respeitoso com seu desconforto, ele não se escondia dela tampouco. Com cada dia que passava, ela perdia um pouco mais suas inibições. Mas ele ainda não faria amor com ela.

Isto frustrava Kia, mas também fez seu amor adolescente por ele florescer em algo que não tinha nenhuma capacidade de definir. Ela o desejava. A fazia sentir coisas que ela só tinha lido ou ouvido falar que existiam, mas ele insistia em tratá-la como uma irmã. Era confuso e lhe dava vontade de mordê-lo.

Difícil. Cada vez que pensava nisso suas gengivas coçavam incontrolavelmente e suas presas doíam.

Enquanto caminhavam para fora, ao campo, no terceiro dia, Kia se despiu imediatamente. Era louco pensar que, há alguns dias, sentia-se desconfortável nua no banho e agora ela estava caminhando nua como se fosse normal.

— Tudo bem, vamos tentar respirar novamente.

— Não vai acontecer, Gavin. Estou bem com isso.

Gavin lhe deu um olhar carinhoso, mas exasperado com o qual ela estava ficando muito familiarizada.

— Apenas tente. Nos últimos dias você começou a se sentir mais confortável. Comigo. Com seu corpo. Isso é o que precisa para se transformar.

Docilmente, fechou os olhos. Passaram-se alguns momentos e Kia não ouviu nada além que a rajada do vento e a vibração distante das aves. Os sons eram bastante relaxantes e sentiu a tensão nos ombros diminuir.

Quando Gavin falou de novo, manteve sua voz suave.

— Agora imagina a versão mais feroz de você mesma. Deixe seus instintos mais primitivos subindo para a superfície. Sua agressão, seu desejo, seu medo. Imagine que eles saem de você.

O fluxo de energia começou nos dedos de seus pés. Cálida e líquida, Kia estremeceu quando cada célula de seu corpo respondeu. Em seguida, afogou-a, como uma onda do mar rompendo sobre sua cabeça. Seus pensamentos ficaram calmos e quando abriu seus olhos de novo ficou momentaneamente desorientada. Gavin ficou de pé junto a ela, muito mais pequeno agora.

— Você é impressionante. Ele recuou alguns passos e depois transformou-se. Uma vez em sua forma de dragão, ele era maior que ela, especialmente quando flexionou suas asas. Ele fez isso de novo e Kia percebeu que ele queria que ela o imitasse.

Ela levantou os braços e olhou para as asas que se estendiam em ambos os lados dela. Uma explosão de cor azul, verde e ouro, enroscados através de suas escamas formando um padrão único. Emocionada, ela tentou dizer-lhe o quão incrível era, mas tudo o que saiu foi uma baforada de fogo. Assustada, Kia curvou suas asas contra seu corpo.

Ele se aproximou e a empurrou no estômago. Ela olhou para cima. Seus olhos de dragão eram enormes fendas de ouro. Ele bateu suas asas e logo se elevou do chão com suas poderosas pernas. Kia contemplou espantada enquanto ele rodeava o céu acima dela.

Aproveite a oportunidade.

Com um grito, ela saltou no ar e abriu suas asas. O vento aumentou debaixo dela e se foi antes de chegar a uma aterrissagem brusca a uns poucos metros de distância. Encorajada, ela fez de novo, desta vez saltando mais alto e batendo suas asas. Gavin apareceu a seu lado e logo caiu até voar mais baixo. Ela correu atrás dele, acidentalmente chocando-se no ar. Ele deixou escapar um chamado que ela de algum jeito sabia que significava que ela estava indo bem. Indo e voltando, mergulharam e rolaram, Gavin ficando sob ela cada vez que caía muito baixo ou precisava corrigir sua trajetória.

Finalmente Gavin aterrissou no centro do campo, onde tinham começado. Kia tentou imitar a forma suave de pousar, mas em vez disso caiu em uma espécie de colisão e rodou. Gavin mudou e ela observou enquanto ele encolheu e depois retraiu suas escamas. Fascinada, ela baixou o olhar para seu próprio corpo. Nada ocorreu e a ansiedade que havia sentido anteriormente retornou. E se ela não conseguisse mudar de volta?

— Só respire, bebê. Imagine-se na pele humana.

As suaves instruções de Gavin a acalmaram e logo mergulhou no mesmo oceano de sensações como antes. Ela piscou e então levantou a mão. Sua mão humana.

— Eu consegui.

— Sim, conseguiu — Gavin se ajoelhou ao lado dela, um sorriso de orgulho em seu rosto.

— Como foi seu primeiro voo?

— Surpreendente. — As emoções a dominaram. Ao estar na pele de dragão tinha quebrado as barreiras que tinha mantido seus hormônios sob controle durante anos. De repente podia sentir tudo e era tão intenso. Seu sangue correu por suas veias, seu coração batia com um propósito e seu núcleo se apertou enquanto o cheiro de Gavin fluía sobre ela. Seu companheiro a havia protegido tão bem, ficando fisicamente entre ela e os danos. Inclusive se tivesse caído do céu ela sabia sem dúvida nenhuma que ele teria posto seu corpo debaixo do dela e a levaria para um lugar seguro.

Seus instintos tinham despertado agora e não seriam negados. Ela queria o seu companheiro. Agora.

Gavin caiu para trás quando Kia se jogou em seus braços. Se fosse um momento atrás sua mente lógica teria evitado, mas tudo o que ele registrou foi a calidez da mulher em seu colo. Ela esfregou seus quadris contra ele, se contorcendo até que encostou seu pequeno núcleo quente diretamente sobre seu pênis.

— Espere, Kia.

Seus braços se apertaram ao redor de seu pescoço.

— Sem mais espera. Não é possível que pense que lamentarei agora. Não depois disto. Te quero, Gavin.

— Quer o seu companheiro? — Grunhiu. Seu corpo reagiu a sua própria pergunta, seus músculos apertando e sangue correu para um único lugar. Tinha que ser um novo recorde, de zero a duro como o granito, em 2.5 segundos.

— Mmm, mmm. Você vai negar a sua companheira o que ela precisa? — Seus olhos caíram para a sua boca e ela lambeu os lábios.

Estava claro que ela andou lendo o manual de "Como seduzir um Dragão", porque nenhum homem poderia resistir a essas palavras. Ele lhe daria o que precisava e tudo o que desejava. Era o objetivo de sua vida vê-la gemer debaixo dele, completamente aberta para tomá-lo. Desejava-a úmida, disposta e satisfeita e não havia fim para o que faria para levá-la lá.

Ele os fez rodar, encaixando-a sob o braço enquanto suas línguas se debatiam em duelo. Ela era como o vento e algum sabor único que era todo Kia. Não podia obter o suficiente, queria mantê-la imóvel durante horas só para poder comer sua boca tentadora e doce. Ela gemeu quando ele mordeu seu lábio suavemente. O som só o acelerou ainda mais, o empurrava a entrar nela, mordê-la, uni-la a ele para que nunca partisse. Era uma loucura e sabia que ela não estava preparada para isso, mas não pôde evitar seus instintos. Então se limitou a torturar seus mamilos com os dentes.

— Gavin, isso é incrível! — Sua cabeça ia para frente e para trás e ela agarrou seu cabelo, segurando-o contra o peito.

Sua língua viajou por seu ventre e logo enterrou seu rosto entre suas coxas. Ela estava entregue, arqueando as costas quando ele atacou sua buceta. Suas mãos agarraram suas pernas segurando-a imóvel para o ataque oral, forçando-a a permanecer imóvel enquanto empurrava sua língua gentilmente em seu clitóris macio. Seu aroma flutuava a seu redor e se deleitava nela. Queria estar coberto por seu perfume no momento em que terminasse. Queria usá-lo em sua pele como uma marca.

Mais lento. Vá mais devagar.

Gavin veio à superfície de sua festa erótica com uma vaga sensação de que tinha que reduzir a velocidade. Sua companheira era virgem e não estava acostumada a isso. Olhou para cima, momentaneamente distraído pela visão fascinante de seus dedos brincando com a ponta de seus seios nus.

— Você é tão linda meu amor. Verdadeiramente magnífica. — Kia brilhava sob seus cuidados, as mãos imóveis sobre seus seios.

— Assim é você. Ainda não posso acreditar que seja minha.

— Acredite. Sou completa e totalmente sua.

Ele deslizou sobre ela, roçando seus corpos juntos até que seu pênis se instalou diretamente no berço de suas coxas. Ela apertou suas pernas ao redor dele prendendo-o na posição.

— Eu não quero te machucar.

— Você não vai. Confio em você.

Gavin estremeceu enquanto pressionava, lentamente, lhe dando tempo para se adaptar. Sua vagina se fechou sobre ele como um pequeno punho apertado e Kia deixou escapar um grito suave. Gavin mordeu a bochecha para evitar que suas presas aparecessem. Ela ainda estava tentando adaptar-se à sensação de tê-lo dentro dela, por isso definitivamente não gostaria de ser mordida neste momento.

Suas mãos fecharam-se sobre seus ombros e então ela o instigou a continuar colocando seus calcanhares atrás de seu traseiro.

— Mais. Quero mais de você, Gavin. Quero tudo.

Ele empurrou um pouco mais profundo, amando a expressão em seu rosto quando o prazer se apoderou dela. Era quase demais para suportar, observando-a tremer sob ele, suas pernas abertas para que pudesse ir mais profundo. Instintos primários fizeram a visão muito atrativa. Ele podia mantê-la assim durante dias, tomando-a uma e outra vez, enchendo-a com sua semente e seu cheiro. A ideia de Kia grávida de seu filho era tão potente, que empurrou mais forte do que pretendia.

A cabeça da Kia caiu para trás.

— Gavin, sim. Isso é o que preciso.

Suas palavras estranguladas desencadearam uma vibração de prazer tão intensa que ele estava no limite da dor. Ele empurrou sua perna mais acima, enganchando-a por cima do ombro. Em seguida, bateu profundo, mais duro do que deveria, se tivesse pensando com clareza. Mas tudo o que podia ver era a sua companheira pedindo mais do que só ele podia lhe dar.

— Estou muito grato porque te encontrei. Minha companheira. Meu Tesarik.

Lançamento Especial
3 anos de Shifter's Homeland

Ele penetrou até que a fez convulsionar, as contrações apertadas lhe jogando de cabeça no orgasmo também. Ele gozou com tanta força que sabia que ela cheiraria como ele por dias. Bom.

Qualquer homem tolo o suficiente para se aproximar dela receberia advertência prévia do que o esperaria se lhe desse um olhar equivocado.

— Eu te amo, Kia. — Seus braços se apertaram ao redor de suas costas.

— Eu também te amo. Estou tão feliz de termos nos encontrado de novo. Tudo que eu queria se tornou realidade. Posso me transformar em um dragão. Eu sei de onde vim e eu vou ver por mim mesma. Você me deu tanto. — Gavin flexionou seus quadris.

— Eu darei a você em qualquer momento que precisar. — Seus lábios se curvaram em um sorriso sujo.

— Eu acho que vou precisar de você novamente. Agora mesmo.

SHIFTER'S HOMELAND

CAPÍTULO SETE

Impulsionada por sua recém descoberta capacidade de voar, Kia estava ansiosa para concluir o próximo item em sua lista de desejos, visitar sua casa da infância. Não tinha levado muito tempo fazer os preparativos para que os acompanhassem a Rivenell. Seus irmãos geralmente insistiam em ir com ele todas as vezes que visitou para acessar aos arquivos reais. Nathan, em particular, não estava confiante de que o convite aberto de Avan iria durar tendo em conta o delicado estado de ânimo do Rei. Considerando que seu primo já tinha mais de duzentos ciclos da terra de idade e ainda não havia se acasalado, Gavin concordou que era muito possível que algum dia pudesse esquecer as promessas que tinha feito.

Jonas sempre voltava porque tinha decidido que era seu dever como um aprendiz ajudá-lo com toda a sua pesquisa. O jovem lhe tinha confidenciado não muito depois de se conhecerem que ele e seu irmão na verdade tinham uma certa herança dragão. Enquanto Gavin procurou nos arquivos por informação científica, Jonas procurava pistas sobre seus pais.

Era uma realidade dolorosa que os mestiços nem sempre tenham sido tratados de maneira justa em Rivenell no passado. Gavin sabia da dor de perder sua família muito novo, por isso ele queria ajudar seu jovem aprendiz de qualquer maneira que pudesse. Se para isso, teve que permitir que fossem em todas as suas viagens, era um pequeno inconveniente.

Jonas e seu irmão mais novo tinham começado a viagem na parte da manhã, já que preferiam caminhar ou montar em suas bicicletas. Nathan, Ian e Gavin saíram por volta da hora do almoço, já que tinham planejado voar, cada um com sua companheira sobre suas costas. Apesar de Kia poder mudar agora, ele não queria que voasse por um período prolongado de tempo e sabia que ela não estaria confortável se transformando diante de outras pessoas.

Felizmente as companheiras de seus irmãos, Evie e Morgan, imediatamente a fizeram se sentir à vontade e lhe mostraram como usar o arnês de segurança.

Ele já as adorava, simplesmente porque elas faziam Nathan e Ian tão felizes, mas tinha uma nova apreciação por suas cunhadas vendo como trataram Kia como da família.

Agora, quando pousaram no pátio antes do castelo de Rivenell, Gavin se perguntou como ela reagiria quando lhe mostrasse os lugares onde estavam acostumados a brincar quando crianças. Estava tentando não a pressionar muito longe e muito rápido, mas seu coração queria tudo. Ela tinha feito amor com ele, mas não prometeu ficar. Tinha que lhe fazer ver o que já sabia. Pertenciam um ao outro. Ele não iria impedi-la de encontrar seu lugar no mundo. Faria qualquer coisa que pudesse para ajudá-la a encontrar seu caminho. Eles eram muito mais fortes juntos do que separados.

— Lembro-me disto! — Kia se apressou em descer de suas costas e se aproximou do castelo propriamente dito, com a boca aberta.

— Havia um guarda, que me dava doces!

Gavin que já tinha mudado de novo se moveu e tirou a roupa da bolsa que tinha levado com eles.

— Seu nome era Braanthis. Ele foi guarda aqui durante anos, inclusive depois da guerra. Os anciões Braanthis estavam acostumados a dar a todos os draaklings doces. Minha mãe pediu-lhe que parasse, mas ele fazia do mesmo jeito. Ela não tinha o coração para repreendê-lo. Ele e sua companheira nunca foram capazes de ter crias próprias.

Ian e Morgan tinham aterrissado no outro extremo do pátio. Ele gesticulou. Não estariam voltando por um tempo, Morgan era uma curandeira e amava falar com os dragões mais velhos que viviam na aldeia para trocar receitas de medicamentos à base de ervas. Alguns dos aldeãos tinham estado ali durante centenas de anos de modo que sabia que estava ganhando uma informação fantástica.

Nathan e Evie se aproximaram.

— Vai para a biblioteca de novo? — Gavin assentiu.

— Quero mostrar a Kia as velhas notas de seu pai.

— Iremos com você.

Gavin não discutiu. Seu irmão não gostava de pensar nele estando no castelo principal sozinho, o que normalmente seria irritante viajar com um guarda, agora que Kia estava aqui, lhe alegrava ter apoio.

— Espera até que veja esta biblioteca, Kia. É como algo saído de A Bela e a Fera. Simplesmente irreal. — As mulheres engancharam seus braços e caminharam na frente, conversando como se sempre tivessem sido amigas. Gavin suspirou.

— Sua companheira continua roubando a minha. Nathan sorriu.

— Ela é uma pequena coisa agressiva. Mas eu adoro.

Pela primeira vez, Gavin foi capaz de escutar seu irmão falar de sua companheira sem sentir uma pontada de inveja. Ao longo dos anos, ele mesmo se isolou de todo mundo, incluindo de seus irmãos porque era muito doloroso ver como se apaixonavam, algo que ele sabia que nunca chegaria a conseguir. Quando sua companheira morta, você estava condenado a chorar por ela pelo resto de sua vida. Ele tinha se conformado que este seria o seu destino.

Agora que ele tinha recebido uma segunda chance, fez uma prece em busca de ajuda para não estragar tudo.

Os guardas das portas do castelo assentiram respeitosamente ao passarem. Evie sabia o caminho depois de ter estado ali várias vezes nos últimos meses, enquanto Gavin tinha vasculhado os arquivos reais para obter informação. Ainda se sentia culpado do quão arrogante tinha sido ao desenvolver o soro. Tudo o que ele queria era pôr fim a sua tortura e ele tinha estado disposto a correr o risco de acabar com sua vida enquanto o fazia. Agora que podia ver a situação por outro ponto de vista, não podia ignorar completamente como sua família teria sofrido se tivesse morrido.

Assim que eles entraram pelas portas duplas que levavam para a biblioteca, Kia parou.

— Whoa!! — Seu sussurro foi transportado através do espaço aberto.

— Eu sei. É a maior coleção de textos de dragões do mundo. Nem sequer os clãs na Europa têm registros tão extensos. — Evie bateu palmas.

— Vou voltar para os álbuns da família real. Nathan esteve me mostrando os desenhos de seus antepassados.

Enquanto seu irmão e Evie se acomodaram em uma mesa no canto, Gavin foi à prateleira de livros do meio. Todas as pesquisas médicas e textos estavam nessa área. Pegou um volume conhecido e o entregou a Kia. Ela olhou para a capa, que estava em branco, e depois para ele.

— O que é isto?

— É o diário do seu pai. A versão oficial de sua pesquisa durante o último ano que esteve aqui.

Seus dedos tremiam quando abriu o livro e folheou as páginas. Deteve-se à poucas páginas e traçou as palavras com as mãos, como se a aproximasse do autor das palavras.

— Ele nem sempre foi ruim. Eu preciso acreditar nisso.

— O homem que eu conhecia era um bom médico e te amava. Sinto muito por qualquer coisa que aconteceu que afastou esse homem de você.

Kia arranhou a borda do diário, puxando o revestimento da capa interna. Finalmente se desprende e ela puxou para trás. Um pedaço de papel dobrado caiu em sua mão.

— Como você sabia que estava aí? — Ela colocou o livro na prateleira e desdobrou cuidadosamente o pedaço de papel.

— Meu pai tornou-se incrivelmente paranoico na segunda metade de sua vida. Ele costumava esconder as coisas, inclusive de seus próprios sócios de pesquisa. Eu só tive uma intuição de que ele poderia ter feito isso quando era mais jovem também. O irônico é, uma vez que sua demência se estabeleceu não conseguia lembrar onde tinha escondido uma grande quantidade de coisas. Ele essencialmente escondeu seus segredos de si mesmo.

— Demência?

— Sim, ele começou a mostrar sinais no ano passado. Eu tive que colocá-lo em uma casa especial que consegue lidar com suas explosões. Começou a ser violento.

— Espera. Você quer dizer que seu pai ainda está vivo?

Desde que ela havia lhe contado sobre sua infância e como tinha sido tratada, ele tinha conseguido controlar sua raiva porque supunha que o homem que a tinha ferido havia morrido. A ideia de que ainda estava ali e possivelmente era uma ameaça para sua companheira o tomou de surpresa.

Uma rajada de emoção se apoderou dele e Gavin teve que agarrar o encosto da cadeira junto a ele para não cair. Suas escamas saíram e logo se retraíram. Assustava-se ao ter estas reações e não ter nenhum controle sobre elas.

— Gavin! O que está acontecendo? — Ele negou com a cabeça e logo grunhiu quando a tontura piorou.

— Tenho que confessar algo, Kia. Eu não queria que soubesse o que fiz. Eu estava envergonhado.

Suas pernas cederam sob ele e ela ofegou. De repente, seu irmão estava a seu lado, um forte braço ao redor de sua cintura. Ele o ajudou a chegar ao sofá. O alívio foi tão grande quando se afundou nas profundas almofadas que quase o fez chorar, o que acima de tudo, o convenceu de que algo estava muito errado. Todos seus ossos e as articulações lhe doíam como se tivesse envelhecido dez anos desde aquela manhã. Os Dragões não tinham esse tipo de sintomas até que fossem muito mais velhos.

— Você disse que tinha que confessar algo? — Kia se sentou no sofá ao lado dele e colocou uma mão fria contra sua testa.

— Durante anos estive trabalhando em um soro projetado para romper o vínculo de companheiros. Desmaiei naquele dia porque eu testei isso em mim mesmo. — Nate amaldiçoou.

— Que droga, Gavin? Você poderia ter se matado.

— Eu sei, mas não vi nenhuma outra opção. Aqueles de nós que perderam as companheiras sofrem tanto. Eu queria encontrar uma maneira de romper o vínculo para que pudesse ter um pouco de paz.

— O que está dizendo? Alguma coisa deu errado? É por isso que está doente? — Perguntou Kia.

— A fórmula que desenvolvi baseia-se nas anotações de seu pai. Acredito que talvez seja o mesmo que ele usou em você. É por isso que estou cada vez mais fraco. Kia lhe apertou a mão

— Acidentalmente você criou um supressor de dragão para si mesmo.

— Sim. Eu pensei que simplesmente iria suprimir o vínculo de companheiro. Mas acredito que está suprimindo tudo. — Fez uma careta quando outra rajada de dor o atravessou. Ele olhou para Nate com impotência.

— Eu não queria terminar como Avan.

— Quem? — Kia olhou para Nathan.

— Nosso primo. O rei. Porque ele é muito mais velho e esteve sem uma companheira durante todo este tempo, seu estado mental está... no limite. O risco de perder a sanidade é alto na sua idade.

— O que significa isso? Ele vai morrer se não tiver uma companheira?

— Não, mas ele poderia desejar isso. Os dragões que passam tanto tempo sem um companheiro começam a perder o controle de sua mente racional. O dragão assume o controle. Uma vez que um dragão está além desse limite, não há maneira de trazê-los de volta.

— Isso é tão triste.

— É. Também é doloroso. — Interrompeu Gavin. — É por isso que estive trabalhando nesse soro durante tanto tempo.

— Eu não gosto de estar aqui quando obviamente Gavin está doente. Isso nos deixa vulneráveis e não confio que Avan não tiraria vantagem disso. — Nathan olhou ao redor, olhos atentos ao avistar o guarda de pé na porta.

— O que devemos fazer? — Kia apertou a mão de Gavin com mais força.

— Sairmos daqui. Se Gavin descobriu como fazer esta droga então ele pode fazer um antídoto. Mas ele precisa de seu laboratório para isso. Certo?

— Sim. Eu poderia ser capaz de encontrar algo. — Foi difícil para ele até mesmo pronunciar as palavras. Sua falta de ar não escapou à atenção de seu irmão.

— Bom. Todo mundo estará em guarda. Vamos sair daqui enquanto podemos.

O estado de ânimo era muito diferente ao deixar o castelo do que tinha sido quando chegaram. Kia tinha planejado explorar depois e tinha tentado olhar em cada sala elegantemente decorada, assim que tinham entrado. Agora, todos estavam em silêncio.

Gavin caminhava com o braço pendurado ao redor dos ombros de seu irmão, falando em voz falsamente animada. Kia só podia torcer que para os estranhos, parecesse só que ele era excessivamente carinhoso, ao invés de estar usando seu irmão como uma muleta improvisada.

— Oh não! Esquecemos o diário do meu pai. — Nathan olhou ao redor incerto.

— Não sei se podemos pegar algo da biblioteca. Além disso Gavin já digitalizou a maioria dos arquivos.

— Encontramos uma nota escondida no revestimento interior do diário do meu pai. Se Gavin vai fazer um antídoto, a informação contida nessa nota pode ser relevante. E já estamos aqui.

— Eu não gosto disso. Quanto mais tempo Gavin ficar aqui, é mais provável que alguém se dê conta do quão fraco está.

— Tudo bem. Vou voltar para pegá-la. Eu não sou uma ameaça para ninguém, então não vão me incomodar. Vou dizer que esqueci minha bolsa ou algo assim. — Gavin sacudiu a cabeça.

— Esqueça. Vou conseguir a informação de alguma outra maneira. — Ela sacudiu a cabeça e se dirigiu de novo ao guarda de pé na porta do castelo.

— Desculpe, mas esqueci uma coisa. Posso voltar e pegar? — O guarda abriu a porta e ela entrou, ignorando Nate chamando-a pelo nome.

A biblioteca estava depois do segundo corredor e ela contou as portas a seu passo. A porta estava entreaberta, então só teve que empurrá-la um pouco para entrar. O diário de seu pai ainda estava na mesa onde ela o tinha deixado cair quando Gavin entrou em colapso. O abriu e pegou o pedaço de papel dobrado, pressionando o revestimento do livro em um dos lados para que

ninguém mais soubesse que algo tinha estado ali atrás. Colocou a nota no bolso dianteiro de seu jeans e depois guardou o livro na prateleira.

Então deu um passo atrás e se chocou com alguém. Ela se virou e engoliu em seco quando viu o homem que estava bem atrás dela. Ele a olhou piscando com constantes olhos em forma de ranhura cor de ouro.

— Quem é você?

— Avan, o rei dos dragões. Quem é você? — *OH Deus*. A respiração de Kia saiu em uma rajada de ar. Ela abriu a boca para responder e tudo o que saiu foi um chiado. Ele não parecia preocupado com seu olhar fixo, entretanto, só inclinou a cabeça e a olhava com esses olhos estranhos.

— Esqueceu alguma coisa? — Perguntou com voz sedosa, sua voz tão hipnótica como seu olhar. Era alto e seu cabelo escuro se movia ao redor de seu rosto de uma maneira que parecia muito perfeito para ser real. Esteticamente, era impecável. Mas havia uma frieza nele que lhe deu arrepios. Assim como ela não estava certa também de que ele estivesse completamente são. Ele se aproximou dela.

— Só precisava pôr as coisas de volta em seu lugar. Eu não gostaria de deixar uma bagunça, sabe?

Ele se curvou e respirou fundo. Quando seus olhos se abriram as pupilas aumentaram e logo se estreitaram. Ela tinha a sensação incrivelmente estranha de que se limitou a cheirá-la. Deliberadamente. Isto foi tão estranho. Tinha que sair daqui.

— Pelos deuses, você se parece com ela. Linda. — Do nada ele parou. Ela sabia que só estava jogando uma isca para ela. A energia na sala era tão estranha que podia dizer que ele estava brincando com ela, com a esperança de obter uma reação. Ela não queria dar a ele essa satisfação, mas a curiosidade sempre tinha sido seu ponto fraco.

— Quem? — Perguntou-lhe antes que pudesse evitar.

— Sua mãe. Lyaana. — Se havia alguma dúvida em sua mente, desapareceu quando disse seu nome.

— Você conheceu minha mãe?

— Sim. Ela já esteve comprometida com um dos nobres deste clã. Não eram um verdadeiro casal de companheiros. Ele era muito mais velho e só queria companhia. Os pais de sua mãe vinham de meios humildes e queriam que sua filha fosse bem cuidada, então concordaram com o acasalamento. No entanto, ele acabou encontrando sua verdadeira companheira meses antes de sua mãe ter amadurecido. Para compensar a família da sua mãe pelo aborrecimento, o rei lhe permitiu ficar aqui e servir como parte da corte da rainha.

Seu senso comum estava gritando no fundo de sua mente que saísse dali. Nathan e Gavin a estavam esperando. Eles se preocupariam se não voltasse logo. Mas o apelo de saber mais sobre sua mãe era maior do que ela podia resistir. Era mais do que jamais pensou que poderia descobrir. Provavelmente era até mais do que sabia seu pai.

— Então ela morou aqui depois disso?

— Sim, por anos, isso foi há mais de cinquenta anos, então os detalhes são um pouco imprecisos. Eu tinha uma espécie de estima por ela na época. Mas ela já tinha conhecido seu pai. Estávamos todos um pouco apaixonados por ela.

— Se estavam todos tão apaixonados por ela, por que ninguém a protegeu durante a guerra? Como os mesmos dragões que a queriam puderam matá-la?

— Ele piscou.

— Sua mãe não morreu durante a guerra dos dragões. Ela foi com seu pai voluntariamente. Você ficou ferida, pelo que me lembro, e eles estavam bastante angustiados.

— Não, isso não pode estar certo. Meu pai disse que os dragões a mataram.

— Eu os vi partir. Sua mãe estava viva quando seus pais deixaram Rivenell. Ela nunca retornou, eles foram exilados. Meu pai não confiava em ninguém que fez parte do regime anterior. Seu pai era muito próximo do rei Nataanik, o pai do Gavin.

Avan cruzou os braços atrás das costas e se dirigiu à seção de livros onde ela tinha colocado o diário de seu pai. Ele passou um dedo ao longo da união e

Kia conteve a respiração até que continuou tocando cada um dos livros na fila com ar ausente. Ela não iria contradizê-lo sobre o momento da morte de sua mãe. Ele mesmo admitiu que sua memória estava imprecisa e Nathan a tinha advertido que ele era instável. Se ela lhe dissesse que estava errado, não havia maneira de saber como reagiria.

— Houve alguma mudança nas últimas décadas mais ou menos? Talvez algumas das coisas de meu pai foram transferidas para outro lugar? Eu gostaria de saber mais a respeito de sua pesquisa.

Avan virou-se e deu-lhe um amplo sorriso.

— Comprometo-me a descobrir se isso é verdadeiro. Agora corra. Seu companheiro deve estar se perguntando por que não levou de volta o que foi enviada para roubar daqui.

— OH não. Não, eu não estava roubando. — Kia engoliu em seco quando ele caminhou para frente e pôs um dedo no bolso dianteiro de seu jeans. Deve ter visto ela colocar a nota ali antes que ela tivesse percebido que ele a estava observando.

De perto, ele era tão estranhamente atraente, maçãs do rosto afiadas e olhos penetrantes. Passou um dedo por sua bochecha, parando bem na curva de sua boca.

— Uma bela e pequena mentirosa. Mas não se preocupe, vou guardar seu segredo.

CAPÍTULO OITO

Gavin percorreu o corredor que levava à biblioteca. Depois que Kia se afastou do grupo e voltou para dentro, Nathan tentou dissuadi-lo de ir atrás dela imediatamente. Tinha argumentado que indo atrás dela provavelmente despertaria mais suspeita e que era melhor lhe dar uns minutos.

Após cinco minutos, seu irmão não conseguiu segurá-lo mais. Havia uma quantidade infinita de explicações razoáveis para o que estava lhe tomando tanto tempo, mas havia um tamborilar como de bateria em seu sangue lhe dizendo que precisava dele. Que tinha que encontrá-la. Imediatamente.

Quando ele cruzou o limiar até a biblioteca e viu seu primo tocar seu rosto, todo pensamento racional se perdeu. Uma névoa vermelha desceu, bloqueando sua visão da cena. Não é que precisasse ver qualquer outra coisa. Outro macho estava tocando sua companheira. A sorte estava lançada. Ia pelo sangue.

— Afaste-se dela! — Ele correu pela sala e se lançou em direção a Avan, derrubando-o, seus corpos colidiram contra a mesa de madeira atrás dele. A sala explodiu em uma confusão de gritos, grunhidos e golpes à medida que lutavam entre si. Um guarda o puxou para trás segurando-o por debaixo dos braços e o afastou da luta.

Avan se levantou, limpando o sangue no canto da boca com o polegar. Ele sorriu para Gavin.

— Eu precisava disso. Deixe-o ir. — Ladrou aos guardas. — Acalme-se, primo. Eu não estava ferindo sua companheira. Acabei de me apresentar.

Ele estava muito longe para explicações, Gavin grunhiu e avançou, pronto para tirar esse olhar presunçoso do rosto de seu primo. Kia se interpôs entre eles e pôs uma mão sobre o peito de Gavin. Ele parou imediatamente ao seu toque, todo seu ser em sintonia com sua presença.

— Ele não estava fazendo nada, Gavin. Estou bem. Apenas vamos.

Ela pegou sua mão e puxou-o para fora da sala. Os guardas saíram do caminho e ele notou Nathan no corredor.

— O que diabos aconteceu? Eles não me deixaram entrar.

— Eu vou te contar mais tarde. — Resmungou. A raiva inicial tinha passado, mas ainda estava amplificada, toda a adrenalina da luta precisando de uma saída.

Nathan o ajudou com o arnês e, assim que seu irmão recuou, ele alçou voo. Sua mente estava sintonizada em um só propósito, levar sua companheira para casa, onde ela estaria protegida. O peso da Kia era leve e não era nenhuma carga, mas na metade da viagem, encontrou-se lutando para manter-se no ar. Era difícil estender suas asas até o final e ele contemplou seu flanco de repente.

O grito de Kia ecoou através das árvores. O som de seu terror o abalou e tentou corrigir o curso. Ele bateu em uma árvore, mas conseguiu aterrissar no topo de alguns arbustos ao lado de uma colina. Gavin ficou sem fôlego quando sua mudança retrocedeu e se contorceu no chão em sua pele humana, quando Kia desabou junto a ele.

— Não, Gavin. Fique comigo. — Ela bateu em suas bochechas levemente. — Não durma.

— Eu deveria ter contado o que eu fiz. Talvez as coisas fossem diferentes agora.

— SSH, Gavin não é sua culpa. Estava tentando fazer algo bom. Não havia como você saber que a fórmula te faria mal desta maneira.

A vergonha chegou com força por ele. Se ela ao menos soubesse quão imprudente ele tinha sido, do pouco que lhe tinha importado se vivia ou morria.

— Essa não é a parte que me dá vergonha. Isso não está nem sequer perto de ser a pior parte.

Sua cabeça caiu para frente de novo enquanto sua visão ficou temporariamente negra. — Você tem que nos levar para casa, Kia. Eu não posso. Você tem que mudar, baby. Agora mesmo.

— OH Deus. Nunca voei tão longe e nem sequer estou certa de para onde ir.

— Se você voar alto o suficiente, Nathan vai te ver. Ele te guiará para casa. Mas temos que nos apressar. — Não queria alarmá-la, mas ele podia sentir

que perdia sua consciência. Se não conseguiam assegurá-lo então... Ela ficou de pé e retirou a roupa, colocando-a na bolsa atada a suas costas. Depois cuidadosamente o desamarrou das cordas do arnês. Ela fechou os olhos e suas escamas saíram. Então, em um borrão de movimento, seu dragão surgiu. Gavin sentiu uma onda de orgulho ao olhar para ela. Sua companheira era tão extraordinária.

Ele levantou-se, tremendo e ajudou-a a arrumar o arnês ao redor dela. Ela se ajoelhou para que ele pudesse subir em suas costas. Prendeu-se com as correias do arnês e então deu-lhe alguns tapinhas nas costas.

— Vamos.

Kia não acreditava em nenhuma divindade em particular, mas ela tinha orado a todos eles naquele instável voo para casa. Mesmo seguindo Nathan, ela estava aterrorizada em perder-se e ser distraída pelos pensamentos de como Gavin estava.

Durante as últimas vinte e quatro horas, Kia manteve uma vigilância constante sobre Gavin. Que estava dentro e fora da consciência, mas quando estava acordado, estava notavelmente lúcido. Jonas tomou notas enquanto estava acordado e utilizou suas instruções para confeccionar uma contra droga que esperavam que pudesse acordá-lo. Mas depois de tomar o antídoto, deslizou na inconsciência e não acordou desde então.

Nathan e Ian se revezavam sentando com ela, distraindo-a com histórias sobre crescer em Rivenell. Como filha única, Kia nunca tinha sentido falta de ter irmãos. Estar sozinha era o que conhecia. Mas ao ver a forma em que os irmãos interagiam e observar sua devoção inquebrável à Gavin, a fez desejar ter alguém que a amasse assim.

Gavin o faz, uma vizinha zombou. Gavin te ama assim.

Percebendo que era a verdade, só tornou mais difícil vê-lo enquanto dormia, lutando para respirar. Na manhã de domingo, ela estava examinando a nota que tinha tirado do diário de seu pai, pela centésima vez, quando lhe ocorreu que ela poderia ir diretamente à fonte para mais informações. Inicialmente visitava seu pai todas as sextas-feiras, mas parou quando suas visitas pareciam agita-lo. Lori a mantinha atualizada com relatórios semanais por

e-mail e ele parecia ter se adaptado ao seu novo ambiente o suficientemente bem.

Mas isto era uma emergência, Gavin precisava de ajuda e seu pai provavelmente tinha as respostas. Não era uma garantia, afinal, ela não tinha nenhuma amostra da fórmula experimental que ele tinha usado, apenas sabia que tinha se apoiado nas drogas que seu pai havia desenvolvido para ela. Ele poderia ter descartado completamente essa fórmula e começado novamente. Mas e se não o tivesse feito? Talvez tenha descoberto como contra-atacar os efeitos que Gavin estava experimentando?

Como tinha esperado, Nathan tentou convencê-la a não ir.

— Meu irmão não iria querer que você fosse a nenhum lugar perto do seu pai, sabendo que ele te manteve trancada toda a sua infância. Ele preferiria morrer antes de te ver submetida a isso.

Ele ficou sério e olhou o corpo estendido de Gavin na cama. Cada hora sua cor piorava. Agora estava quase cinza. Era como ver sua vida esvair-se dele diante de seus olhos.

— Morrer é exatamente o que está acontecendo com ele. Olhe para ele? Tenho que fazer algo. — Nathan suspirou. — Eu gostaria que você me deixasse levá-la.

— Prefiro que fique aqui com Gavin. Só para o caso dele acordar.

Ela sorriu fracamente. Nenhum deles realmente acreditava que Gavin iria acordar de novo, o que só fez sua vontade mais forte.

Quando chegou ao Oak Pene, Lori se encontrou com ela na porta com um amistoso aperto de mãos.

— Ele esteve de bom humor esta manhã.

— Você disse a ele que eu vinha? — Lori sacudiu a cabeça. — Não. Pensei que poderia ser uma agradável surpresa para ele, já que pergunta por você o tempo todo.

Ela colocou a cabeça pela porta do quarto de seu pai. Estava sentado em sua cadeira de rodas olhando pela janela. Ele parecia bem. Estava ligeiramente

mais magro do que tinha estado antes, mas tinha o cabelo bem penteado e seus olhos eram brilhantes e alertas. Ele virou a cabeça e a viu.

— Kia! Entre. Onde você esteve?

— Me desculpe. Sei que não venho já a algum tempo. — Foi um alívio que a reconhecesse. Houve momentos durante o ano passado que lhe perguntou quem era ela ou se era uma babá para sua filha.

— Papai, eu preciso te perguntar algumas coisas. É realmente importante.

Ele virou a cadeira de rodas em direção à pequena mesa em um canto do quarto. Kia sentou-se em frente a ele, colocando a bolsa no colo.

— Vou tentar ajudar em tudo o que eu puder.

— Mesmo que seja sobre dragões? Preciso saber sobre os medicamentos de supressão, os quais você estava trabalhando quando vivíamos em Rivenell. — Seu rosto se contraiu. — Essa fórmula foi um fracasso.

— Sim, eu sei. Alguma vez averiguou como solucioná-lo? Isso teve algo a ver com que fosse embora?

Segundos passaram e continuou olhando ao longe. Kia esfregou os olhos. Ela o havia perdido. Seus momentos de lucidez eram como a água, não podia apegar-se a eles. Então ele começou a falar de novo.

— Depois das guerras dos dragões, eu sabia que não seria seguro voltar ali. Mas Lyaana não escutou. Sua mãe era cega às falhas de seu povo. Estava convencida de que o novo regime real nos daria as boas-vindas de volta e que estaríamos a salvo lá.

— O que você fez?

— Eu estava trabalhando em uma fórmula de supressão há anos, embora nesse momento não fosse chamada assim. Era suposto que seria utilizado nos raros casos em que um dragão precisava de uma cirurgia, para evitar que se movessem enquanto estavam sob anestesia. No entanto, na fase de teste, descobri que não só evitava que se movessem, mas também permitia um certo controle sobre os outros instintos de dragão. Poderia diminuir os efeitos secundários para os homens que sofrem depois da morte de uma companheira, por exemplo.

— Isso não parece tão ruim.

— Foi um grande avanço! Minha fórmula tornaria possível que os dragões vivessem com segurança entre os seres humanos pela primeira vez na história. Sua mãe não queria que deixássemos o território dragão porque temia por sua segurança quando você era pequena e incapaz de controlar a seus instintos.

— Tenho poucas lembranças dela. O seu cheiro e o quão macio era seu cabelo.

Era uma das coisas que Kia mais lamentava sobre o seu passado. Os efeitos das drogas que ela tinha usado durante anos tinham prejudicado suas lembranças e mal lembrava algo antes de sua adolescência.

— Sua mãe te amava tanto. Quando desenvolvi uma nova versão da fórmula que poderia amortecer os instintos por completo, o rei Nataanik não aprovaria qualquer experimento com dragões vivos. Mas sua mãe e eu estávamos desesperados. — Ele abaixou a cabeça e ficou olhando ao longe por um longo tempo antes de voltar a falar. — Eu não sabia que iria matá-la.

Kia cobriu sua boca com a mão horrorizada. Ele nem sequer notou sua reação, completamente perdido em suas memórias.

— Os efeitos não se apresentaram de forma imediata. Ela estava com dor no início, mas logo passou. Ainda podia se transformar em um primeiro momento, então pensamos que não tinha funcionado. Mas eu não sabia até então que a formula já havia chegado como se fosse veneno, estava essencialmente na metade de seu sistema de... — Kia conteve as lágrimas que brotavam de seus olhos escutando sua recitação imparcial dos acontecimentos. Uma parte dela queria detê-lo ou sair antes de ouvir mais. No entanto, seu horror se multiplicou por dez quando percebeu que a fórmula que ele estava falando era a que Gavin tinha estudado. Ele tinha baseado seu soro nas anotações de seu pai.

— Quanto tempo? — Perguntou desesperada. Quando ele não respondeu, ajoelhou-se diante dele e lhe segurou a mão. O contato pareceu trazer seu pai de volta ao presente porque ele se sobressaltou.

— A fórmula que matou a minha mãe. Quanto tempo demora? — Seu olhar deslizou para longe. — Não muito. Cada parte de seu sistema foi deixando

de funcionar a cada dia até que finalmente entrou em coma. Ela nunca acordou novamente. Ela se foi depois de uma semana. Talvez menos.

Kia se levantou e pegou sua bolsa. Tudo o que podia pensar era que já tinham passado ao menos quatro dias desde que Gavin tinha tomado o soro. Cada momento contava.

— Alguma vez descobriu uma maneira de reverter os efeitos? — Os lábios de seu pai se afinaram. Ela agarrou as alças de sua cadeira de rodas e o sacudiu. Com sua força recém descoberta, quase o levantou do chão.

— Durante anos, estive obcecado em me manter afastada de todo o mundo. Por que? Estar perto o suficiente de outros dragões reverteria os efeitos?

— Nunca vou deixar que eles a tenham. Você é apenas um bebê! Nenhum dragão vai morder a minha filha! — Grunhiu. Kia poderia ter chorado de frustração. A informação que precisava para salvar Gavin estava presa na mente de um velho amargurado que ainda pensava que ela era uma criança.

Sem dizer uma palavra, saiu. O tempo era essencial e se estes eram os últimos momentos da vida de Gavin, ela sabia onde tinha que estar.

Nos braços de seu companheiro.

CAPÍTULO NOVE

Kia estava sentada observando seu companheiro, já não se incomodava em segurar as lágrimas que rolavam por seu rosto. Quando ela retornou, Nathan nem sequer perguntou o que havia descoberto. Ele apenas se moveu para que ela pudesse sentar-se junto a Gavin na cama. Todos pareciam ter aceito que estar perto dele era tudo o que podiam fazer neste momento.

Ela fechou os olhos. Desde que tinha perdido a consciência ela tinha sido incapaz de sentir Gavin. Até que tinha acontecido, não tinha percebido o muito que tinha chegado a gostar do conhecimento dele no fundo de sua mente. Não importa o que estivesse fazendo, ela o tinha ali, uma presença reconfortante que a fazia sentir como se nunca fosse ficar sozinha. Agora que ele se foi, o vazio dentro dela crescia como um grande buraco negro que poderia engoli-la.

Era isto o que Gavin tinha suportado durante tanto tempo? Ela inicialmente tinha estado tão zangada com ele, tão incrivelmente lívida que considerasse sua vida bastante dispensável para provar uma fórmula em si mesmo. Mas agora, sofrendo com a agonia interminável de estar sozinha em sua própria pele outra vez, compreendeu por que o tinha feito.

Era como se estivesse à beira da morte também. Ian apareceu na porta, sua expressão triste quando viu que Gavin não havia acordado.

— Nenhuma mudança? — Nathan balançou a cabeça sombriamente. Colocou uma mão nos ombros de Gavin e sussurrou algumas palavras em um idioma estrangeiro. Kia imediatamente soube que era uma despedida. A emoção que estava segurando saiu dela em um soluço. Isto realmente estava acontecendo. Gavin estava morrendo e não havia nada que pudessem fazer além de olhar enquanto acontecia.

Se soubesse que este seria o resultado, nunca teria saído do lado de Gavin para ir visitar seu pai. Ele não havia, absolutamente, dito nada útil. Simplesmente seguiu balbuciando sobre como ele nunca permitiria que esse dragão a morderesse. Qual era sua obsessão com que ela fosse mordida?

E se era isso?

Sentou-se, considerando a ideia. Seu pai tinha feito todo o possível para mantê-la afastada de todos, mas ele estava praticamente espumando pela boca ante a ideia de que ela estivesse próxima de Gavin. Era porque supunha um risco especial para ela sendo ele seu companheiro? Seu pai sempre disse que a emoção extrema poderia anular os efeitos da droga e não havia nada mais esmagador do que o acasalamento.

Mas se Gavin mal podia manter-se acordado, não havia como ele ter forças para mordê-la. Pelo modo como ele havia descrito a mordida de acasalamento, não era como pegar um bocado de comida. É preciso a intensidade da emoção para forçar às presas a alongarem-se e se encherem com seu veneno. Mas isso significa que suas presas não têm veneno em qualquer outro momento? Ela não tinha como saber. Mas seus irmãos, sim. Ela agarrou o braço de Nathan com urgência.

— Quando vocês mordem suas companheiras, o que se sentem? — Se Nathan pensou que era uma pergunta estranha, não demonstrou.

— É uma sensação intensa. Em determinado momento parece como se as presas estão sendo puxadas para fora. Por que? Você acha que mordê-lo o ajudaria? O veneno de Dragão não tem nenhum efeito curativo sobre nós, já que nossos corpos o produzem de forma natural.

— Não penso que o curaria, necessariamente. É apenas algo que meu pai disse. Ele estava tão preocupado em assegurar de que Gavin nunca me mordessem. Isso me faz pensar se a mordida de acasalamento poderia neutralizar os efeitos da droga.

Ambos olharam para baixo, para a ainda imóvel forma de Gavin. Ian finalmente expressou o que todos estavam pensando.

— Ele não vai voltar a acordar. Foi um grande esforço para ele acordar da última vez. Não acredito que ele possa fazê-lo. — Kia cobriu a boca.

— Não posso acreditar nisso. Não é assim que isso termina! — Ian colocou um trêmulo braço em torno de seus ombros.

— Não é como eu pensei que fosse terminar também. Mas ele está muito fraco para acordar, então tenho certeza que ele não teria força para te morder.

Não o suficientemente forte para acasalar de qualquer forma. — De repente, Nate ficou de pé.

— Ele não pode, mas ela pode. — Kia olhou entre eles com incerteza.

— O que está querendo dizer, que eu o morda? — Nate deu de ombros.

— Bom, sim. Tradicionalmente os homens dão a mordida, mas não vejo nenhuma razão pela qual não funcionaria ao inverso. Você é um dragão. Tem seu próprio veneno.

Suas gengivas coçaram. Ela teve esta mesma reação quando tinha ficado excitada e também quando estava zangada porque Gavin não faria amor com ela. Ela subiu na cama ao lado de seu corpo estendido e inalou seu aroma. Suas gengivas doeram quando suas presas se alongaram ligeiramente. Nathan virou ligeiramente a cabeça de seu irmão.

— Geralmente, nós mordemos no pescoço. O veneno tem que chegar a sua corrente sanguínea o mais rápido possível. — Ela hesitou e ele tocou seu ombro.

— Você pode fazer isso, Kitaana. Não importa o que você tenha acreditado toda a sua vida, você é um dragão. Também é a companheira de Gavin. Se existe alguém que pode curá-lo é você, irmã caçula.

Seu apoio anulou seus medos. Ele acreditava nela. Ela não tinha tido muita gente em sua vida que a fizesse sentir-se capaz, mas Nathan e Ian contavam com ela.

Kia fechou os olhos. Continuou, antes de que pudesse pensar demais, ela mordeu bem debaixo do pescoço. Seu sangue se aqueceu e seu coração bateu enquanto sentia o calor de seu veneno ao ser liberado. Manteve sua boca fechada ao redor de sua pele até que suas presas se retraíram ligeiramente. Quando ela se afastou, Gavin estava tão imóvel quanto antes. As duas feridas pulsantes, de cor vermelha, em seu pescoço se destacavam nitidamente contra sua pele pálida.

— Gavin, por favor. Acorde. Não me deixe agora. — Ela deitou suavemente em seu peito e envolveu seus braços em volta de sua forma fria.

O tempo parou enquanto ela chorava silenciosamente contra ele, agarrando-se a ele e desejando que lhe devolvesse o abraço. Só a fez chorar com mais força, pensando em todas as coisas que nunca conseguiriam fazer, todas as coisas que ele nunca teria a oportunidade de compartilhar com ela. Sua vida finalmente estava começando e ele não estaria ali para experimentá-la com ela. Era tão injusto!

— Shhh, não chore meu amor. — Uma mão esfregou suas costas para cima e para baixo. Kia levantou a cabeça, surpresa pelo toque. Gavin piscou para ela.

— Gavin! OH Meu Deus! Funcionou!

Suas pupilas mudaram e se alargaram em fendas douradas. Então ele a puxou para mais perto e rolou até ela estar debaixo dele. Tudo o que ela estava a ponto de dizer se perdeu enquanto ele a beijava com paixão, suas mãos percorrendo todo seu corpo. Uma suave risada estalou atrás deles. Gavin se deteve e olhou para seus irmãos. Nathan levantou as mãos.

— Vamos indo agora. Estamos felizes que não esteja morto, irmão. — Ian o saldou à medida que saíam, fechando a porta atrás deles. Gavin a olhou.

— Foi realmente tão ruim?

— Você não lembra? — Ele fez uma careta.

— Lembro-me da dor. E de você. Seu cheiro era tudo o que me mantinha, em um determinado momento. — Ela o agarrou com força.

— Ainda estou muito zangada com você. Não volte a arriscar sua vida de novo. Preciso muito de você.

Gavin a interrompeu com um beijo, suas mãos cada vez mais urgentes enquanto a ajudava a tirar sua camisa. Ela riu enquanto ele puxava sua calça jeans. Seu veneno parecia ter lhe dado uma onda de força e certamente o despertou.

— Eu também preciso de você. Mais do que qualquer outra coisa. — Gavin beijou seu ventre e então mordeu sob a borda de sua calcinha. Seu olhar era intenso enquanto deslizava o tecido por suas pernas e o jogou por cima do ombro.

Kia estremeceu quando ele empurrou as calças de moletom para baixo. Enquanto ele estava inconsciente ela ficou preocupada em estar muito exposto, então decidiu vesti-lo com roupas leves. Foi provavelmente uma coisa boa, já que não parecia ter muita paciência para se despir nesse momento. Ele se acomodou junto dela e ela suspirou com a sensação de sua pele quente deslizando sobre a dela.

— Sinto muito. Estou sendo muito rude. Mas não posso evitar. — Gavin grunhiu contra seu pescoço e ela imediatamente ficou úmida.

Seus lábios percorreram cada canto da pele que foram encontrando, lambendo e mordendo, como se quisesse consumir cada parte dela. Kia mal conseguia acompanhar as sensações que irradiavam através de seu corpo. O prazer a inundou e ela permitiu que a envolvesse, gritando de surpresa e prazer quando Gavin empurrou para dentro dela. Ficou sem fôlego e apoiou sua testa contra a dela, um gemido torturado deixando seus lábios quando ela apertou seus músculos internos ao redor dele.

— Faz isso de novo. — Ordenou severamente e o comando rude a impulsionou a cumprir.

Ele mostrou os dentes em um grunhido selvagem enquanto seus quadris se balançaram violentamente, golpeando com força. Kia gemeu pelo assalto erótico, desesperada por agarrar-se ao desejo primário que ele tinha extraído dela. O prazer disparou e explodiu através de cada membro de seu corpo. Enquanto ela gritava e se agarrava a seus ombros, Gavin ficou imóvel e ela soube que ele tinha encontrado a mesma satisfação.

Com um grande suspiro, aproximou-a dele e a manteve no berço de seu corpo.

— Estou tão cansado, bebê.

Preocupada, ela se virou para encará-lo. Ele deve ter entendido sua preocupação por que cobriu sua mão com a dele e a apertou.

— Não é esse tipo de cansaço. Eu acabo de ter sexo intenso de acasalamento e preciso me recuperar, esse tipo de cansaço.

Kia relaxou e apoiou a cabeça sobre o travesseiro. Os olhos escuros de Gavin eram de contentamento quando a atraiu para si. Ela sorriu levemente pelo suave beijo na têmpora.

— Dorme. Vou estar aqui quando acordar.

Gavin sabia que estava sonhando. Seus irmãos estavam ali. Nathan e Ian pareciam preocupados. Gostaria de poder dizer a eles para não se preocuparem mais. Que estava com sua companheira e feliz agora. Sua companheira era um dragão e que estavam voando juntos. Tudo era perfeito.

Exceto a parte onde rochas o atingiam na cara.

Ele acordou de repente, surpreso ao encontrar Nathan e Ian inclinados sobre ele. Ambos levavam sorrisos bobos, o que o fez pensar se eles o tinham esbofeteado enquanto dormia. Ou se estavam simplesmente felizes de vê-lo vivo e bem. Nathan limpou a garganta e Gavin poderia jurar que seus olhos estavam um pouco úmidos. Droga, todos estavam amolecendo.

— Graças a Deus. Estava começando a pensar que vocês dois nunca sairiam para tomar ar. — Ian bagunçou seu cabelo, o movimento curiosamente o lembrou da forma em que o tratava quando Gavin era criança.

Gavin puxou Kia para mais perto de si e certificou-se de que o cobertor estava cobrindo-a de olhares indiscretos. Amava seus irmãos, mas isso não queria dizer que ele quisesse que eles tivessem um vislumbre do corpo nu de sua companheira. Seu perfeito, suave, absolutamente delicioso corpo nu. Assim, sua necessidade retornou com intensidade. Seu veneno parecia ter feito algo mais do que neutralizar os efeitos da droga, aprofundou o vínculo que eles sempre tiveram, tornando-o mais intenso.

Nathan riu suavemente e golpeou-o no ombro.

— Não vamos ficar muito tempo. Os efeitos da mordida de acasalamento são bastante loucos. — Gavin sorriu com isso.

— Sim, eles são. Embora eu não tenha certeza de como eu consegui morder minha companheira se estava dormido. Não me lembro de nada disso. Nathan olhou para Kia, que ainda dormia profundamente.

— Você não o fez. Sua companheira te mordeu. Ela o trouxe de volta para nós. Sua companheira é uma mulher muito especial.

Atordoadado, Gavin só podia ouvir enquanto seu irmão continuava.

— De qualquer forma, eu só queria ver como você estava. As coisas não seriam as mesmas sem a sua cara feia por aqui. Sabe disso?

Emocionado, Gavin aceitou um abraço com um só braço de cada um de seus irmãos. Através dos anos tinham passado por tanta coisa, lutando para sobreviver como parias e, finalmente, triunfar como empresários de negócios bem-sucedidos. T tinham passado através do fogo e saíram do outro lado todos intactos. Agora todos estavam comprometidos e felizes.

Era tudo o que seus pais teriam desejado para eles.

Alguns minutos depois que eles saíram, Kia acordou. Sentou-se e olhou em volta do quarto confusa.

— Será que eu escutei a voz do Nathan?

— Sim, ele estava aqui. Os rapazes queriam ver como eu estava. — Ela se apoiou sobre o seu ombro e bocejou.

— Estou triste por não o ter visto. Eu queria lhe agradecer.

— Por que? Pelo que sei, foi você quem salvou o dia. — Ela deu de ombros, ruborizando-se um pouco.

— Talvez tenha te mordido, mas Nathan é a razão pela qual acreditei que podia fazê-lo. Ele me disse que eu era um dragão e que podia te proteger. De algum jeito, com ele bem ali, eu sabia exatamente o que tinha que fazer.

Gavin sabia exatamente o que queria dizer. Seus irmãos o incentivavam todos os dias e nunca precisou perguntar se o apoiavam. Era incrível o que se podia alcançar quando se tinha o amor de uma família.

Horas mais tarde, haviam finalmente conseguido sair da cama e estavam sentados no degrau da entrada vendo o pôr-do-sol. Enquanto os últimos raios de luz saíram do céu, Kia lhe deu uma cotovelada.

Lançamento Especial
3 anos de Shifter's Homeland

— Naquele dia, quando deixamos Rivenell tão rapidamente, você me disse que estava muito envergonhado para me dizer o que tinha feito. Mas então disse que isso não era o pior. O que você quis dizer com isso?

Ele a abraçou, muito grato de que ele teria a oportunidade de fazer isto pelos próximos cem anos pelo menos.

— Minha maior vergonha era que eu sabia que havia uma chance de que o soro me matasse e eu não me importava. Na verdade, estava esperando que o fizesse, mesmo não admitindo para mim mesmo. Tudo que sinto por você... Viver sem você era como a morte. Durante muito tempo vivi sob a maldição de ser a metade de um todo. A morte parecia como uma via de escape.

— E agora? — Ela perguntou, sua voz cheia de felicidade.

— Agora estou olhando para o futuro e sei que nada vai ficar entre nós, nunca mais. Está presa a mim agora.

— Você promete?

— Prometo. Eu tenho planos para nós durante os próximos cem anos mais ou menos.

FIM

Lançamento Especial
3 anos de Shifter's Homeland

Parabéns!

Shifter's Homeland

3 Anos

